



## BIBLIOTECA MÁRIO DE ANDRADE PROJETO MEMÓRIA ORAL

**MARCO ANTONIO VILLA**

Hoje, 13 de fevereiro de 2008 a Biblioteca Mário de Andrade registra o depoimento do historiador, professor e pesquisador, Marco Antonio Villa para o Projeto Memória Oral da instituição, iniciativa esta que vem sendo desenvolvida com o objetivo de resgatar a história da Mário de Andrade de uma forma matizada através de narrativas orais dos seus mais diferentes protagonistas: antigos funcionários, diretores, colaboradores, pesquisadores, artistas e intelectuais. Na direção de captação audiovisual deste registro, Sergio Teichner e na condução do depoimento, Ana Elisa Antunes Viviani.

**Ana Elisa Antunes Viviani:** Professor, nós gostaríamos de iniciar este depoimento pedindo para que você contasse um pouquinho de sua origem, onde você nasceu, seus pais, as escolas em que estudou.

**Marco Antonio Villa:** Eu nasci em São José do Rio Preto, no interior de São Paulo, chamada Capital da Alta Araraquarense, uma cidade que tem muitas joalherias, mas não tem livrarias. Eu nasci no interior, vim depois para o ABC, voltei para Rio Preto, depois voltei para o ABC, passei a adolescência morando em Santo André, entre Santo André e São Bernardo e, depois, quando eu fiz 17 anos, me mudei aqui para São Paulo. Fui trabalhar de *office boy*, como todo mundo trabalhava naquela época do milagre brasileiro. Trabalhava em uma empresa aqui no Largo do Arouche. Eu passava sempre em frente da Biblioteca e uma das primeiras coisas que eu fiz ao chegar a São Paulo foi ter uma carteirinha da Biblioteca Circulante, da Biblioteca Mário de Andrade, porque lá em Santo André, no Paço Municipal da cidade, também tinha uma biblioteca que foi importante - porque eu também tirei dezenas e dezenas de livros daquela biblioteca.

Onde eu trabalhava, na *Themag Engenharia*, no largo do Arouche, também tinha biblioteca - o que era ótimo - e eu acabei, neste período, cercado por bibliotecas. Depois prestei vestibular. Na época, todo mundo fazia economia. Era a época do milagre e a economia era considerada uma profissão boa e comecei a fazer economia. Estava nesta época na PUC<sup>1</sup>, mas era mais interessante o que acontecia fora da sala de aula que dentro da sala de aula. Então eu participei do movimento estudantil, fui do centro acadêmico, da primeira diretoria do DCE Livre. Aí teve a invasão da PUC, eu fui indiciado na Lei de Segurança Nacional, apesar de que eu não estava ali naquele dia, estava dormindo, mas tinha organizado o encontro nacional de estudantes.

Saí da área de economia, fui trabalhar na..., passei rapidamente pelo CEBRAP<sup>2</sup>, naquela época. Depois comecei a dar aula de História, abandonei a Faculdade de Economia, prestei vestibular de História na USP<sup>3</sup>, fiz História direitinho, acabei me formando na graduação em exatamente quatro anos, na licenciatura, porque eu dava aula e precisava fazer licenciatura, era indispensável. Aí fiz mestrado em sociologia, doutorado em História e aí publiquei muitos livros, artigos, ensaios e tal.

E a Biblioteca acabou sendo sempre um instrumento, especialmente quando eu fiz a pesquisa de doutorado. No mestrado eu estive lá, na época da graduação também, mas no doutorado ela foi fundamental.

**AEA:** Professor, eu só queria voltar um pouquinho, havia alguém na sua família que o influenciou por este interesse?

**MAV:** Não. Olha, o meu pai e a minha mãe se separaram – nós éramos três irmãos – muito cedo, e o meu pai também não tinha nada com leitura, era o pessoal da imigração italiana ali de São Bernardo. A família chegou no final dos anos 1910. São Bernardo era um núcleo forte de imigração italiana. Nem a minha mãe, também. Minha mãe fez um curso então chamado “curso primário”. Meus irmãos, cada um era muito diferente: um acabou fazendo universidade, fez Direito, se formou na PUC,

---

<sup>1</sup> Pontifícia Universidade Católica

<sup>2</sup> Centro Brasileiro de Análise e Planejamento

<sup>3</sup> Universidade de São Paulo



há muito tempo atrás, o outro parou na segunda série do ginásio, acabou que depois faleceu, mas tinha outra profissão. Então, não havia um estímulo, alguém para eu falar: “olha, tem um avô, um tio”, mas eu gostava sempre muito de ler, por alguma razão, não sei bem qual, especialmente quando eu me mudei para Santo André, isso logo depois do Golpe Militar, e chegamos lá sem nenhuma razão de perseguição política, não havia razão alguma mais, de ler jornal e revista. Eu peguei uma época muito boa da imprensa brasileira, quando nasceu a *Revista Realidade*, que foi uma revista excelente; quando nasceu o *Jornal da Tarde*, e lia, acompanhava; a *Revista Veja* nasce nos anos 60 também – então, eu lia muitos jornais, revistas e aí comecei a ler enciclopédia. Eu gostava de ler pequenas enciclopédias, daquelas coisas de curiosidades históricas, geográficas. Mesmo os meus amigos lá de Santo André, os meninos – eu gostava, sempre gostei muito de futebol, a gente jogava bola e tal – mas eu sabia até onde ia a relação com os amigos, que era o futebol, aquelas coisas de criança, adolescente, porque ler mesmo ninguém lia. Então, acabou sendo só eu.

Isso acabou, de certa forma, dificultando um pouco a formação, que isto acabou sendo ajudado quando mudei para São Paulo, porque aqui, na empresa em que eu trabalhava, as pessoas liam, porque tinham horário flexível. Era uma empresa, neste sentido, muito moderna; cada um fazia o seu horário, era um sistema diferente: as pessoas podiam entrar entre as sete e as nove horas e sair entre as cinco e as sete horas da noite, então se montava o horário e as pessoas liam muito, estavam sempre lendo. E onde fui estudar, em um colégio estadual na Vila Mariana, que era uma porcaria o colégio, um desastre, mas a classe era boa, então os alunos liam. Liam o *Jornal Pinhão*, a *Revista Argumento*, o *Bondinho*, as coisas de contracultura. Eu me lembro que tinha um pessoal que lia história em quadrinhos, foi quando no Brasil chegou um cara chamado Guido Crepax que é um grande desenhista italiano, criador da personagem Valentina, o pessoal lia tudo isso e as aulas pouco interessavam, mas tinha lá um grupo de dez alunos muito bons, isso foi legal e acabou ajudando na minha formação.

**AEA:** Isto foi em que época?



**MAV:** Eu cheguei em 1972 aqui. Isto foi em 72, 73. Aí o MASP<sup>4</sup> - eu morava atrás do MASP, na Rua Antonio Carlos – e o MASP tinha uns ciclos de cinema de primeira: tinha um professor da FAAP<sup>5</sup>, chamado Carvalhais<sup>6</sup>, que dava muitos cursos de cinema, e eu aprendi muito porque vi muitos ciclos de cinema, inclusive cinema japonês. Eu nunca tinha assistido um filme japonês na minha vida e foi lá que teve um ciclo do Akira Kurosawa. E o primeiro filme que eu assisti, chamado *Viver*, eu fiquei tão impressionado porque até então, para mim, japonês eram os desenhos da televisão, estavam chegando naquela época os desenhos animados japoneses, e eu fiquei impressionado pela beleza do filme. Os ciclos de cinema eram constantes no MASP. Eu me lembro de shows - Astor Piazzolla, a primeira vez que eu o vi foi em 1974 - quando fez um ano do golpe militar no Chile - coincidentemente teve um show dele no MASP – superlotado. Então o MASP foi muito legal, não só por causa das grandes exposições de pintura, de cinema, de música.

Eu ficava muito circulando pela região, mesmo quando eu trabalhava no Largo do Arouche, eu – como tinha uma livraria de esquerda ali na Rua Aurora, que não existe mais, chamada *Avanço*, hoje é um sebo – eu que tinha lá 17 anos, mas já era de esquerda, sem ter falado com ninguém, pelos livros. Então eu lembro que o primeiro livro, quando eu recebi salário, foi um livro do Marx que eu comprei: *As lutas de classes na França – 1848/1851*, em espanhol. Eu mal lia português, mas só tinha a edição em espanhol durante a ditadura. A livraria acabou me ajudando bastante e o papel do MASP e tal, e os jornais e revistas e os contatos com os colegas. Mas, até então, antes de entrar na faculdade era uma coisa muito mais solitária. A faculdade que me ajudou muito no sentido de ter contato com outras pessoas.

**AEA:** Você fala já na PUC ou depois?

**MAV:** Na PUC. A PUC foi fundamental. Quando eu entrei para fazer economia a PUC tinha um negócio chamado ciclo básico, que misturava alunos de todas as áreas de humanas durante cinco disciplinas e duas disciplinas eram específicas. No caso eram: matemática e introdução à economia. As outras cinco eram do curso e

---

<sup>4</sup> Museu de Arte de São Paulo

<sup>5</sup> Fundação Armando Álvares Penteado

<sup>6</sup> Transcrição fonética do nome



havia um debate. Ninguém era avaliado, não havia nota, era aprovado ou não-aprovado. Era um momento muito legal: 1975, o momento da distensão – começa a distensão do Geisel – e foi muito legal porque eu tive um ambiente em que eu podia falar, porque até então eu nunca tinha falado assim. Eu fui numa assembléia estudantil, na época em que a assembléia tinha vinte pessoas, trinta, era uma época difícil ainda – é bom lembrar que em 1975 é quando morre o Herzog, por exemplo – e era a discussão dos contratos de risco da Petrobrás. Eu me lembro que eu fiz lá uma intervenção e fui muito aplaudido e a partir dali...

As tendências todas sempre cooptavam quem aparecia nas assembléias, o que era muito natural, no momento em que as esquerdas estavam voltando a publicamente aparecer. Mas, apesar de eu ter lido muitas coisas do trotskismo: *Minha Vida e Da Noruega ao México*, do Trotsky, os livros do Deutscher: *O Profeta Armado*, *O Profeta Banido*, etc., no fim eu acabei vinculado a uma tendência maoísta que era do PC do B<sup>7</sup>, que não tinha nome na PUC, mas que na USP chamava-se “Caminhando”. Foi o contato que eu acabei tendo com um amigo, que é um amigo até hoje, porque os amigos do movimento estudantil são eternos; outros acabam passando, mas estes a gente nunca esquece. Aí eu comecei a entrar no centro acadêmico da Economia, fiquei lá duas, três gestões e depois foi criado o DCE livre da PUC. Foi o segundo do país, o primeiro foi o da USP em 1977. E aí nós jogamos eleições e eu tive uma participação ativa no movimento estudantil. Foi bom, bom no sentido de falar, de discutir, ouvir outras ideias. Agora, foi um dogmatismo terrível também, porque ali eu me lembro que logo quando eu entrei na *Tendência* este amigo, que hoje, evidentemente tem outra posição, ele – eu lia muita coisa de História do Brasil, gostava muito de História, apesar de estar fazendo Economia – ele falou: “Deixa essas coisas de História do Brasil, você tem que ler isso”, eram os livros do Mao Tse Tung, *Obras Escolhidas*, eram as coisas do Stalin, *Questões do Leninismo*, coisas pavorosas.

**AEA:** Mas vocês conseguiam trocar estes livros, estava já mais tranquilo?

---

<sup>7</sup> Partido Comunista do Brasil



**MAV:** Muita coisa circulava clandestinamente, tinha muita coisa mimeografada, ou que passava a álcool, você imagina? - rodando a álcool. Porque nós tínhamos, até no centro acadêmico, uma infraestrutura boa. Nós tínhamos uma impressora lá, uma espécie de gráfica. Eu acabei sendo até um editor de livros que a gente rodava até 1977; quando houve a invasão, o DOPS<sup>8</sup> destruiu tudo aquilo. Mas nós ficamos um tempo, rodávamos documentos de grupos de esquerda e tal. Então circulavam textos clandestinamente e esses livros – tudo o que chegava era em espanhol, não tinha nada em português – e um ia emprestando para o outro. Os textos do Mao eram sobre a contradição, sobre a prática, sobre a guerra popular prolongada; todos aqueles exemplos chineses que nós absolutamente desconhecíamos, porque a história da China é complicada – são seis mil anos de história – mas a gente ficava lendo e repetindo aquelas frases que algumas eu lembro até hoje.

Mas circulavam todos estes textos, que eram textos clandestinos e na época a gente fazia. O pessoal também apoiava o MDB<sup>9</sup>, porque o PC do B apoiou o voto nulo em 1970, 1972, mas em 1974, apoiou o voto no MDB e aqui em São Paulo, em 1974, houve uma eleição que foi importantíssima com a vitória do Quércia contra o Carvalho Pinto. O Carvalho Pinto foi um brilhante governador de São Paulo, em 1958-1962, mas naquele momento, 1974, era alguém identificado com o regime militar, apesar de que ele não tinha feito pessoalmente nenhuma identificação, mas era candidato da ARENA<sup>10</sup>. E o Quércia podia ser um poste, um cachorro, um mendigo: quem fosse candidato pelo MDB ganharia as eleições e era o Quércia, acidentalmente. E acabou vencendo e a partir dali criou-se um polo de oposição muito forte em São Paulo. Então o pessoal da *Tendência* fazia campanha para candidatos, na época, chamados “populares” do MDB. Teve eleições em 1976 para vereador, depois nós fizemos campanha para um candidato que acabou sendo primeiro suplente, então a gente participava um pouco da política local, da política estudantil, mas continuava muito essa questão de leitura.

Na PUC tinha um cineclube muito bom, chamado “Cinuca: Cineclube da Universidade Católica”. Passavam muitos filmes também, eu não fazia parte diretamente, mas era o pessoal da *Tendência* que fazia. Então, continuava a ter

---

<sup>8</sup> Departamento de Ordem Política e Social

<sup>9</sup> Partido do Movimento Democrático Brasileiro

<sup>10</sup> Partido Aliança Renovadora Nacional



contato. Tinha muitos shows musicais e a PUC era muito desorganizada administrativamente e, na verdade, era o DCE que controlava o TUCA, o teatro, que era muito grande na época; não era o teatro de hoje, era muito grande, foi antes do incêndio, bem antes. E era a gente que determinava o que fazia lá. Tinha shows musicais, por exemplo: o Ivan Lins ia fazer um show, então a gente combinava com ele o seguinte: que iria ter um intervalo e a gente iria ler uma declaração política no meio do show, então parava o show, ele falava do intervalo, a gente entrava, lia lá um documento contra a ditadura, saía e tal. A gente fazia o que queria, era um caos aquilo.

E teve um espaço importante lá dentro da Universidade, mas quando chega a invasão a gente acabou sendo atingido por aquilo, porque perdeu toda essa infraestrutura de gráficas; tinha muitos livros que a gente acabava rodando lá, livros de Lênin, livros sobre movimento estudantil, havia um sobre poder jovem...

**AEA:** Professor, eu não entendi, você foi presidente do centro acadêmico da Economia ou do DCE?

**MAV:** Nós inventamos o seguinte: como a gente era contra ter posições, era tudo diretoria colegiada. Então no Centro Acadêmico Leão III, nas duas gestões, eu fiz parte da diretoria; era sempre eu quem falava e acabava sendo o orador de lá. E no DCE também era diretoria colegiada, mas era eu que sempre falava em nome do DCE, por isso que as oposições me odiavam também. As oposições eram: *Liberdade e Luta* e *Convergência Socialista*, porque eu assumi as posições mais antipáticas nas assembléias, apesar de que eu tenho até hoje amigos que eram da *Convergência* e da *Liberdade e Luta*.

Para você ver como são as coisas: hoje muita gente está no governo federal, outros estão na imprensa, vez por outra eu encontro ainda e a gente até lembra daqueles episódios, porque havia, claro, um radicalismo e um dogmatismo em relação a... Nós éramos radicalmente... Na verdade a gente imaginava que a revolução seria feita contra a direita, mas primeiro a gente eliminaria a esquerda, opositoristas da gente, então era uma coisa terrível o nosso dogmatismo. Era aquela coisa tenebrosa, mas foi uma época boa, nesse sentido de debate político.



Tudo o que eu aprendi de falar, de discutir, de questionar, de habilidade ou de não-habilidade foi justamente no movimento estudantil.

**AEA:** E quando foi invadida então a...

**MAV:** Foi invadida no dia 22 de setembro, à noite, às nove horas da noite, mais ou menos, a PUC. Foi após o terceiro Encontro Nacional de Estudantes, que criou uma comissão pró-UNE que era para recriar a União Nacional dos Estudantes que tinha sido proibida durante o regime militar. E nós tivemos vários encontros nacionais e aquele da PUC era para ser em junho, em Belo Horizonte, mas aí Belo Horizonte, em junho, estava tomada pela polícia, acabou sendo transferido para a PUC. Não era para ser na PUC. A princípio era para ser na Medicina – estava cercada no dia anterior, a FGV cercada, a Cidade Universitária cercada, tudo cercado. Aí nós fizemos, de forma muito rápida, no dia 22, tanto que nessa reunião do dia 22, que foi realizada no prédio novo na PUC, foi uma reunião muito rápida, eu não estava, estava um amigo da diretoria, acho que era o Marcos Pontes Nogueira que estava lá e eu, como havia passado três ou quatro noites literalmente sem dormir, aí eu estava muito cansado. Já no final da tarde ele acabou indo para a reunião e no final da tarde, eram umas cinco horas, a minha função depois, eu falei “Olha, eu estou precisando dormir”, que eu não aguentava mais. Aí fui levar dois “carinhas”: um de Londrina, do DCE, outro da UFES<sup>11</sup>, na rodoviária - que era a antiga rodoviária na Júlio Prestes. Aí eu fui embora dormir. Ia ter um ato público – teve muitos atos públicos naquele ano – em frente ao TUCA, e eu não sabia o que tinha acontecido.

No outro dia acordei, desci, eram umas dez e meia da manhã, em frente de casa tinha uma banca de jornal, estava lá, *Jornal da Tarde*: “oitocentos presos!” Eu falei: “Pô, presos! O que aconteceu?”, uma tremenda manchete da invasão da PUC, eu nem sabia que tinha tido a invasão. Aí liga para os amigos, aí no fim teve reuniões, etc; para a gente saber em que situação estava, porque tinha tudo sido destruído, a sede do DCE e tal. Aí depois a gente começou a reconstrução. Daquilo houve um processo da ditadura, colocou não sei quantos indiciados, diminuiu para cerca de trinta e poucos, 32, eu não estava em nenhuma das duas

---

<sup>11</sup> Universidade Federal do Espírito Santo



vezes porque eu não estava lá. E, finalmente, chegou para sete. Entre os sete eu estava porque da PUC quase ninguém foi preso, só foram presos os estudantes que eram de fora, quem era da PUC dizia que estava passando por lá, em frente ao TUCA, ali na Rua Monte Alegre, e eu acabei sendo indiciado na Lei de Segurança Nacional com mais seis. Eram sete: quatro da PUC e três da USP. Acabou o processo sendo arquivado, mas tive que depor, arrumar advogado. E o papel foi fundamental naquela época do Dom Paulo Evaristo Arns.

Há pessoas que muitas vezes não são avaliadas, creio eu, devidamente na história. Uma delas é o Dom Paulo, a posição digna e tal. Tanto que a invasão foi, acho que em uma quinta, na sexta pela manhã ele estava indo à PUC. Foi uma pessoa muito firme em toda a atuação que ele teve durante o regime militar. Foi uma grande referência e uma voz extremamente corajosa quando muita gente silenciou; tem muita gente que hoje fala, fala, fala e não fez nada e o Dom Paulo fez, e fez muito e não fica propalando o que fez.

**AEA:** E depois deste seu processo você falou que foi dar aula de História...

**MAV:** É, eu já estava cansado da Economia porque eu não conseguia mais... eu quis voltar a estudar, porque o ME... você acaba virando profissional do movimento estudantil. Eu estava muito atrasado e comecei a voltar a estudar, mas tinha disciplinas que não era possível, eu não tinha a mínima empatia: “matemática financeira”, “análise de balanço”; não havia condições. Outras eu ia bem: “teoria do desenvolvimento econômico”, “comendas e bancos” e umas outras coisas. Mas eu queria fazer História. Eu estava namorando e depois eu casei e aí não tinha jeito: eu tinha de dar aula. Eu queria dar aula de História, aí eu prestei vestibular e entrei na USP – isto foi em 79 – e comecei a dar aula de História imediatamente. Eu comecei a dar aula de História, mas dava de forma provisória porque era um outro professor que assinava – era uma escola particular. Comecei em uma escola particular, que foi muito importante também para mim.

E aí comecei a fazer História e fiz História direitinho, os quatro anos, me formei em 82, fiz a licenciatura junto - o que foi um horror, não há coisa pior do que a licenciatura na Universidade de São Paulo, é um verdadeiro circo dos horrores –



mas era obrigado fazer aquilo porque eu precisava da carteirinha do MEC<sup>12</sup>. E havia todas aquelas exigências... então fiz o curso de História. Acabei me dedicando mais à história da América Latina, foi o que fiquei... Na época gostava muito, mas o meu mestrado acabou saindo da história, porque a história - o curso foi um horror, um desastre o curso. Na verdade, todos os professores que tive entre 79 e 82, no máximo dá para lembrar de quatro ou cinco, sobra dedo em uma mão.

**AEA:** Quais seriam?

**MAV:** Bem, sobrou o quê? “América”, “Brasil”, “Moderna”, o Fernando Novaes – foi um grande professor, brilhante professor. Não são muitos. A Maria Ligia Prado, “História da América Latina Independente”; “Colonial” foi um desastre, nós tiramos o professor, houve uma rebelião da turma, você imagina? E virou professor titular o que é pior, para ver o nível dos professores que nós tínhamos. O Werner Altmann, que era de “História da América Latina Independente”; em “Antiga” não salvava nenhum.

**AEA:** A professora Maria Odila, você teve?

**MAV:** Não, não foi minha professora naquele momento; ela dava “Brasil Império”, acho que alguma coisa assim, mas ela não foi. Olha, “Antiga” não salvou nenhum; “Medieval”, terrível; “Moderna” eu me lembrei do Novaes; “Contemporânea” era uma enrolação pura. O professor que dava não preparava a aula, ele só falava do jornal *O Estado de São Paulo*, do editorial, depois até é um professor que chegou a professor titular também. Vamos ver... de Brasil, “Brasil Colônia” foi um horror, “Império” foi um horror, “República” foi um horror. Bem, eu só sei que uma série de áreas eu aprendi sozinho, graças a Deus, porque... Por exemplo: “Antiga” eu comecei a gostar quando acabei o curso. Aí fiquei lendo, falei “puxa como é legal!”. Fiquei lendo. Lembro fiquei muito impressionado na época com o Jean-Pierre Vernant, li um monte de coisas e falei: “puxa, que cara bom!”, e eu não tinha visto nada disto. Aprendi muita coisa sobre Roma também sozinho, Grécia. E Brasil, ainda

---

<sup>12</sup> Ministério da Educação



bem que eu lia por vontade própria, porque o curso foi um verdadeiro desastre. A parte de “Teoria da História” foi muito ruim, “Metodologia da História” foi muito ruim... é que pegamos um período ruim do departamento também, não tinha concurso, o primeiro concurso foi, mais ou menos, em 1982, quando eu estava saindo já. Eu sai no final de 1982, aí eu não aguentava mais, queria discussão teórica, aí fui para a Sociologia e foi muito bom.

**AEA:** Deixa só eu perguntar uma coisa professor: e nesse momento você estava no movimento estudantil?

**MAV:** Não, aí já não dava, porque eu dava aula de manhã, eu fazia História à tarde. Era bom isso: eu dava aulas de manhã e de noite, e fazia História à tarde e também tinha saído da minha *Tendência*, tinha caído fora. Em 1978, antes de eu entrar na História, eu tinha saído já do PC do B, porque já não dava mais e foi muito bom, mas, foi bom e ruim porque... Bom, porque permitiu fazer uma série de outras leituras, voltar minhas leituras; ruim, porque os amigos eram só aqueles amigos da *Tendência*, então quando você sai da *Tendência* você fica sozinho. É uma coisa terrível, parece maçonaria, sociedade secreta, sabe? Você fica sozinho. E aí eu arrumei outros amigos na PUC, gente que circulava; tinha o Centro Acadêmico, eu sempre gostei também de jogar futebol, aí ficava jogando futebol com o pessoal. Eu gostava de jogar tênis de mesa também, eu jogava com os japoneses, tinha sempre os japoneses que fazem Contabilidade. Nas classes de Contabilidade, de cada dez alunos, 11 eram japoneses, então... Tinha uns amigos meio intelectualizados que ficavam por lá, mas que não eram das tendências. Mas fiquei meio solitário ali.

Aí comecei a namorar, justamente com a Helena que é minha mulher hoje, que não era por sinal da nossa... tinha passado, mas ela votava com os trotskistas, votava com a *Convergência*, não gostava da gente, inclusive, por causa das nossas posições - algumas eram muito conservadoras. Aí, eu saí da *Tendência*; e não dava também porque nós tínhamos casado e logo tivemos um filho. Dando aula de manhã e de noite, fazendo História à tarde.

Apesar de que, mesmo assim, eu votava nos candidatos... assim, em 1982 teve eleições, a primeira que o PT participou. Eu votei, naquele momento, no Genoíno, que era o candidato da *Tendência*, porque o Genoíno era do PC do B.



Havia uma corrente que saiu do PC do B, chamada Partido Comunista, PRC: Partido Revolucionário Comunista; e ele foi o candidato do PRC dentro do PT, porque o Genoíno estava no PT, mas não era do PT era do PRC, que acabou elegendo o Genoíno. O PT elegeu oito deputados federais; seis em São Paulo, um deles era o Genoíno. Foi uma eleição muito difícil. A gente morava em um bairro muito popular na Zona Norte, a gente fez campanha lá para o Genoíno. A eleição foi em novembro, na época, era em novembro, ficamos lá até às seis horas da tarde, um sol dos diabos. Tínhamos campanha, porque era o nosso candidato, mas não tinha uma ligação orgânica mais, apesar que o pessoal do PRC, um deles, ia sempre lá em casa. Era um cara que era do ME, meu velho amigo, mas eu não tinha mais ligação orgânica.

Então fazendo História e tendo que trabalhar ficava uma coisa bem complicada. Mas apesar do curso ser ruim, tinha bons alunos o curso de História. Isto que é da mesma forma que o segundo grau - isto que é interessante - tinha alunos muito legais. Os alunos eram muito melhores que os professores e alguns, inclusive, que não fizeram carreira acadêmica, isto que é interessante, alunos que eu fico me perguntando hoje; o cara era tão bom, poderia ter feito carreira, mas por uma série de razões acabaram não fazendo. Mas tinha boas classes, boas discussões. Tanto que em algumas aulas, os professores não entendiam o que estava sendo discutido na aula.

Em “Brasil Colonial”, por exemplo, nunca me esqueço, estava uma discussão muito boa sobre mercantilismo, liberalismo e Pombal, a professora interrompeu a aula porque ela não estava entendendo a discussão e pediu para voltar para contar a biografia do Pombal. Quer dizer, isto alguém pode até tentar fazer, a relação com quem foi e tal, mas isto é verdade, infelizmente, ela interrompeu: “Não entendi a discussão”. Aí nós queríamos discutir *O Escravismo Colonial* do Gorender, que tinha acabado de sair e ela não sabia nada de teoria. Quer dizer, inacreditável. E pior que virou professora titular também - professora titular! Isto é só no Brasil, como eu digo: tem coisas que só tem no Brasil. Mas tinha bons alunos, gente boa, tinham boas discussões e isto foi muito legal.

**AEA:** E hoje, professor, você vê muita diferença do curso desta época que você fez para hoje?



**MAV:** Olha, eu nunca mais fui à História. Eu fui fazer mestrado na Ciências Sociais, na Sociologia - na época era só Ciências Sociais, depois acabou se dividindo - porque eu queria discussão teórica e foi muito bom, aprendi muito lá, gostei muito. Aprendi, tive contato também com gente muito boa, que fazia pós lá; fui fazer mestrado com a Heloísa Fernandes. Mas foi muito bom, aprendi. Demorei muito para acabar o mestrado, porque na época a legislação era diferente; agora são dois anos, na época tinha gente que fazia 15; era uma festa. O cara não terminava nunca.

Eu, quando entrei, no início de 1983 - logo que acabei em 1982 - em 1983 já entrei no mestrado, estava também dando aula em outros colégios. Tinha mudado para o Colégio São Luiz, na Avenida Paulista, dos jesuítas – que são horrorosos os jesuítas, opressores, são terríveis em termos de vigilância, faziam coisas tenebrosas, colocavam anúncio em setembro na *Folha*, no *Estado*: “precisam-se de professores”, imagina, em setembro! Lotado, só tinha professores. Alguém ia ser mandado embora, então todo ano era aquele terror: quem seria mandado embora. Depois eles faziam a campanha da fraternidade. São muito cristãos, são pessoas ótimas!

Eu estava também trabalhando lá e fazendo mestrado e logo fiz um livro pela *Encanto Radical*, da Brasiliense – na época a Brasiliense era uma grande editora – e eu fiz um livro - me autoconvidei - sobre o Pancho Villa e aí, com a maior cara de pau, fiz o livro, mandei para o Caio Graco dizendo: “Olha o livro” e contei, inclusive, o número de letras para saber qual deveria ser o tamanho, fiz os cálculos e fiz o livro. Ele gostou e na época o Luiz Schwartz era o editor também lá e falou: “Vamos publicar!”. Isto foi no começo de 1984. Aí acabou saindo o livro por lá. Eu aí fiquei entusiasmado porque eu estava vinculado à área, gostava muito de América latina e prestei um concurso no começo de 1985 na Universidade Federal de Ouro Preto e estava começando um curso de História lá. Eu comecei a dar aula de História da América. O concurso tinha muita gente e o pessoal que estava entrando, era tudo gente nova, estava fazendo o mestrado e os alunos eram muito bons, foram excelentes alunos. Tanto que todos eles hoje são professores de federais, estaduais, trezentos mil são doutores, publicaram livros. E os professores lá, quase todos que entraram comigo, em 1985, quase todos saíram, gente que hoje se destaca nas



suas várias áreas de conhecimento, na parte de Brasil, de metodologia, então foi um curso excelente, muito bom. Eu aprendi com os colegas, aprendi com os alunos, porque as aulas tinham horário para terminar, mas era só uma referência, porque não significava que terminava no horário. Então eu nunca vi um lugar em que a aula era para terminar às onze horas, terminava ao meio dia, por exemplo, porque a discussão estava boa e ninguém queria interromper a discussão – algo que não ocorre hoje. As aulas acabam meia hora mais cedo.

Então, foi muito legal a experiência e eu atrasei o curso, inclusive para terminar o mestrado, por causa disto, por causa do envolvimento e por causa da luta dentro da Universidade. Eu acabei participando do movimento docente e teve duas grandes greves nas federais. A maior delas acho que foi em 1985, logo quando eu tinha entrado. Então eu acabei participando. Depois fui do Comando Nacional de Greve e isto acabou também atrasando minha formação no mestrado. Mas quando eu acabei o mestrado, imediatamente, comecei a fazer o doutorado e aí voltei para a História. Fui fazer com a Maria Ligia Prado, era sobre o México. Em seguida, eu fui para o México e fiquei lá três meses. Depois voltei e tirei uma bolsa para ficar dois anos – tinha saído a bolsa, mas lá no México eu mudei de ideia. Eu gostei muito, aprendi muito, até hoje acompanho a política do México, a história do México, gosto muito de lá. Aprendi muito lá, aprendi muito com os livros sobre o México, que é o país da América Latina mais estudado e que tem, até hoje, o maior livro que eu li na minha vida que foi *Zapata e a Revolução Mexicana*, de um americano, sobre o México, que é o John Womack Jr.

Um dia, lá, eu tive uma luz – até eu brinco que o Antonio Conselheiro apareceu e falou para mim: “Olha, cara, sai dessa! Você esta fazendo um trabalho de doutorado sobre o México que vai interessar a quem? A você, a banca e a uns gatos pingados, umas dez pessoas”. Era sobre Mixoacan, as ligas camponesas dos anos 20, 30 – “porque você não vai fazer um trabalho sobre Canudos?”.

Eu tinha em Mariana estimulado os alunos de graduação – eles tinham uma monografia de final de curso – que estudassem Canudos. Nunca ninguém quis, o pessoal falava: “Isto é bobagem, estudar para quê?”. E quando eu falava com alguém, o pessoal dizia: “Mas já foi tudo aprendido sobre Canudos, falar sobre o quê?”. Lá, eu li *Os Sertões*, nunca tinha lido *Os Sertões*. Li uma edição em espanhol lá, nunca tinha lido, só trechos. Li e, através de um livro também – nem falei para



ele, mas preciso dizer um dia – do José de Souza Martins, tinha um livro lá chamado *História Política dos camponeses da América Latina*, quatro volumes, publicado pelo Pablo Gonzalez Casa Nova, que era o organizador. Era sobre todos os países, sobre o Brasil era o dele, chamava: *Os camponeses e a política no Brasil*, que ele publicou depois no Brasil também. E lendo lá ele fazia uma referência a Canudos: “Olha, precisa ter estudos”, eu falei: “Puxa vida ele tem razão, eu estou...”, aí voltei. Voltei, tinha que sair da bolsa, claro, para você voltar tinha que ficar dois anos no México, podia levar a família, naquela época era uma bolsa ampla, aí não, eu agradei, não quis a bolsa e falei para Ligia lá que ia fazer sobre Canudos. Era uma coisa estranha, você tinha feito mestrado trabalhando com o México, doutorado está fazendo sobre o México, dava aula de América Latina e diz que não vai fazer na área, parece que você ficou doido não é? Mas foi legal, ela falou que tudo bem, eu acabei rapidamente a tese.

**AEA:** Você chegou a terminar a tese em cima da Revolução?

**MAV:** Não, estava... Trouxe um material imenso, até hoje eu tenho, precisava até emprestar para alguém, mas ninguém se interessa. Trouxe jornais, eu frequentei muitos sebos, comprei coisas raríssimas lá que acabei achando. A parte de biblioteca, o Arquivo Nacional do México era uma maravilha. As pessoas que são ótimas, bastava falar que era brasileiro e você conseguia mil coisas. Então achei um monte de coisas. Trouxe, mandava caixas, ia pondo no correio, mandando. Mandei um monte de livros. Dominava a bibliografia, estava pronto para fazer. A parte do Partido Comunista Mexicano, por exemplo, falei com o último secretário, fiz uma longa entrevista com ele. Tinha um material amplo, acabei não usando nada disto. Até hoje está lá em casa parte deste material, ao menos, e comecei quase que do zero. Mas aí comecei rapidamente, porque eu já tinha tido umas sacadas lá no México através da literatura sobre camponeses no México, sobre movimentos camponeses, e eu queria fazer o contrário do que eles diziam. Eles foram boas para você fazer, justamente, o raciocínio contrário, porque os movimentos religiosos eles sempre desconsideravam, sempre buscavam uma raiz de ordem material ou econômica, e eu ia fazer justamente o inverso.



E aí foi muito legal a experiência do México para esse conhecimento e foi muito bom eu sair do Brasil, ir para a América Latina e da América Latina voltar ao Brasil, no sentido de problematizar certas questões. E o México foi, até hoje eu leio, quando posso, o que há de mais interessante, acompanho a política mexicana. Só tenho tristeza de não poder ler uma série de livros que eu compro sobre o México. Até voltei depois, trouxe um outro material, porque não dá, porque agora minhas leituras prioritárias são sobre o Brasil.

**AEA:** Aí depois você foi estudar Canudos?

**MAV:** Canudos. E aí eu tirei uma liberação de dois anos na Federal de Ouro Preto, no campus de Mariana e aí fiquei dois anos aqui, porque eu sempre morei em São Paulo. Aí a Mário foi fundamental, porque tinha acabado a reforma e eu já tinha já mexido com o material da Mário. Aí o que eu fiz foi pegar o *Estadão*. Ainda podia usar o *Estadão* de 1896, 1897, ainda dava para consultar.

**AEA:** Não era microfilme, era original mesmo?

**MAV:** É que eu odeio microfilme por várias razões: uma, que as máquinas não são boas para ler, parece as máquinas do Arquivo do Estado que o Tomé de Souza que trouxe; em 1530, chegou o Tomé, 1530, 1532, o Tomé de Souza mandou e o Pero Lopes trouxe, porque aquelas máquinas são para não ler, para deixar o pesquisador irritado. Você acha o material e não consegue ler, então eu não gosto realmente de microfilme, porque para o pesquisador é péssimo, por quê? Porque vendo o jornal você vê mais coisas do que você vê no microfilme, quando você manuseia o material e, muitas vezes – este é um problema do Brasil – o bibliotecário quer conservar tanto o material que impossibilita que você consulte o material, então o material fica em ótimo estado de conservação e ninguém consulta. Então é uma coisa incrível, há uma relação meio absurda, meio neurótica de conservação.

**AEA:** Ainda se conservassem...



**MAV:** É, porque deixa o material todo em condições... Bem, eu acabei trabalhando com o *Estadão* e foi ótimo, pesquisando em 1896, 1897. Copiei, conferi todo o Euclides da Cunha, conferi todos os telegramas, as publicações, todas as matérias... Li, achei coisas que, acho eu, ninguém tinha achado – ao menos os leitores disseram isso. Um monte de coisas. Consultei os outros jornais da época, estive no Rio. Consultar a parte de Raros aqui foi também extremamente importante. Na época era uma outra bibliotecária que cuidava das cabines – foi quando abriram as cabines – que era a Neuza. Ela também foi extremamente gentil, no sentido de arrumar material, de trazer, de deixar as coisas na sala, de entender que pesquisador tem de ter condições de trabalho, tem de ter bastantes livros na mesa que ele está procurando, ele não faz aquilo para... então eu passava direto, chegava aí quando abria, às nove, e saía às cinco, porque o setor fechava às cinco. Algumas vezes nem almoçava. Então eu fiz um novo curso de história do Brasil. Então, a Mário de Andrade foi ótima para mim porque tudo que eu não aprendi na USP, na graduação, eu aprendi na Mário, quer dizer, o meu curso de graduação foi errado, não foi nesta Universidade, foi na praça Dom José Gaspar.

Então, li coisas sobre o século XIX, sobre o Segundo Reinado, que foram maravilhosas para mim. Aprendi coisas, conheci autores e aproveitei tanto que parte do material – porque eu tinha tanto material – que eu usei para fazer outros livros, que não estão na tese. Eu acabei usando para fazer estas coisas, graças ao material usado na Mário. Então eu fiz o trabalho sobre Canudos, defendi no final de 1993, no dia 13 de dezembro, aniversário do Ato Institucional número cinco.

E a saída? Eu já não tinha mais condições, eu tinha de sair de Ouro Preto. Eu já tinha feito o ciclo, já tinha ficado dois anos liberado, saí e vim para a Universidade Federal de São Carlos, fui transferido para o departamento de Ciências Sociais. Lá não tem História até hoje, e fiquei trabalhando, inicialmente, vinculado à área de Sociologia, porque eu tinha feito o mestrado em sociologia. Mas hoje, já há um bom tempo, uma década, eu acabei vinculado mais à área de política por causa dos trabalhos que eu acabei fazendo, voltados mais para a área de história política.

**AEA:** Professor, eu queria voltar no tempo, quando você contou que tinha a carteirinha da biblioteca circulante, que você trabalhava na Sete de Abril...



**MAV:** Não, eu trabalhava no largo do Arouche, então o *office boy*, na época não tinha *motoboy*, na época era *office boy*, e a gente tinha milhões de serviços para fazer. Então várias vezes a gente era quase atropelado, porque tinha de correr e tal. E a tática sempre era você fazer tudo o mais rápido possível para sobrar tempo para ficar lendo as suas coisas. E o *Jornal da Tarde* saía meio dia e meia, saía à tarde mesmo – porque no Brasil o *Jornal da Tarde* sai de manhã agora; depois fazem piada de Portugal – o *Jornal da Tarde* saía entre meio dia e meia, uma hora. Então, era o horário em que eu queria comprar o jornal. Eu gostava muito do *Jornal da Tarde*. Na segunda-feira tinha uma edição de esportes que era ótima, um calhamaço; sábado tinha a parte dos Cadernos de Leitura, era uma coisa muito boa. Então eu queria comprar o jornal e queria ler os meus livros de História. E na *Themag*, na época, a gente prestava serviço para a CESP<sup>13</sup>, aqui na Avenida Paulista, no Center 3<sup>14</sup> – antes de pegar fogo era lá a CESP – e a gente recebia em dinheiro para ir e voltar de táxi, era uma maravilha, a época do Milagre foi... Só que eu pegava o dinheiro do táxi e ia de ônibus, ficava com a diferença para mim e depois eu descobri que indo a pé eu levava o mesmo tempo. Então eu saía do Largo do Arouche, subia a Rego Freitas, atravessava a Praça Roosevelt, subia a Augusta, saía no Center 3 - levava 25 minutos - ia e voltava. E eu morava na Antonio Carlos, esquina com a Frei Caneca. Então o que eu fazia? Com o passar do tempo, eu combinei com o chefe que eu não precisava voltar à tarde. Com isto sobrava mais tempo para eu ficar lendo. Eu terminava o serviço quatro horas da tarde e ficava na boa, ficava lendo. Tanto que, quando eu fui promovido, um ano depois – a empresa promovia sempre – eu fui trabalhar no arquivo. Eu não queria ser promovido, porque o salário era 50% a mais, mas eu, com o dinheiro da condução, ganhava o dobro! Para mim era pior e, além disso, eu ficava desde as quatro horas da tarde sem fazer nada: assistia filme, era uma festa! E tinha o *Bijou* aqui na Praça Roosevelt. Depois teve duas salas o *Bijou*... Eu adorava, gostava muito de cinema. Era tranquilo, ficava lendo. A Abril lançava muitos livros, muitas obras. Comprava os livros da Abril de literatura. Era ótimo, eu não queria ficar trancado em um escritório.

E a Mário era aqui. Eu lembro, quando eu fui fazer o cartão, tinha um senhor, ele olhou para mim e falou: “Ah, tem livros, você vai gostar” e começou a falar do

---

<sup>13</sup> Companhia Energética de São Paulo

<sup>14</sup> Shopping Center 3



*Moleque Ricardo*, de José Lins do Rego; eu já estava lá na frente, eu estava lendo Dostoievski, você acha que eu ia ler o *Moleque Ricardo*? Mas tudo bem, até li depois, outra vez, agora, por obrigação, eu estava lendo outras coisas, mas falei: “Ah, tá, ótimo”. Aí fiz o...

E comecei a tirar livros aqui. Mas depois ela saiu daqui da Dom José Gaspar e foi para a Praça Roosevelt e aí fiquei muito tempo na Praça Roosevelt. Eu lembro que tinha uma senhora lá que não gostava, acho, de livro, porque a gente entregava o livro, e o cartão estava na última, lá no final do livro, então ela abria o livro – eu me lembro que ela tinha umas mãos grossas; porque eu sempre tive mania de olhar mão, sabe? – e ela passava assim, fazia *clak*, não sei para que ela fazia isso para abrir o livro, não precisava, *clak*, fazia o livro, e punha o cartão.

Tirei muitos livros ali na Praça Roosevelt; e eu morei ali até final dos anos 1970, depois acabei me mudando para a Zona Norte. Aí acabei deixando de usar a biblioteca circulante, passava aqui só pela Mário de Andrade, pela parte de consulta.

**AEA:** E como foi esse impacto de ir à Mário de Andrade, suas impressões?

**MAV:** Isso foi, para mim... Olha, eu passava desde quando eu tinha 17, 18 anos, que ia, mas não conhecia ninguém. Depois comecei a estar na Universidade e acabei passando pouco, porque no movimento estudantil você fica ocupado 24 horas, e andava pelos estados do Brasil. A gente sempre estava sem dinheiro, aquela pindaíba danada, porque eu deixei de trabalhar um período. Quando eu fazia Economia eu fui para a Seção de Custos e Orçamento na *Themag*, mas depois não dava para conciliar o movimento estudantil e trabalhar; então eu deixei de trabalhar, recebi o fundo de garantia, que na época era um dinheirão, recebi muita coisa e fiquei gastando. Mas aí foi acabando o dinheiro e eu fui trabalhar no CEBRAP, que na época era na Alameda Campinas; começou na Rua Bahia, depois foi para a Alameda Campinas. Eu trabalhei lá com o Paul Singer. Na época era uma subestação de emprego – isto foi em 1976 – também não dava porque o movimento estudantil... Aí fiquei um tempo no CEBRAP, pedi demissão e fui só me dedicando ao movimento estudantil. Quando eu voltei a fazer História eu passava pela Mário.

Mas a minha ligação maior foi no Doutorado, porque este negócio de sair todos os dias... E o setor de cabines, que também é uma coisa fundamental que a



Mário acabou perdendo durante esse período: a importância da ideia do pesquisador. Porque virou uma biblioteca que o pesquisador era mal visto, queria atender criança, então alguém não pode sair de Itaquera para consultar uma enciclopédia. Ele vai em Itaquera; não precisa vir aqui, o que ele vai gastar de metrô, ele fica lá. Então aquilo lá foi muito importante, então ali eu acabei fazendo minha tese de doutorado, acabei fazendo uns quatro livros da Coleção Princípios, da Ática, ali eu fiz um outro livro chamado *Vida e Morte no Sertão – História da Seca no Nordeste no século XIX e XX*, foi graças à Mário também. Bem, eu fiz um monte de coisas lá. Eu acabei fazendo em parte o livro do Jango, acabei usando também o material. Bem, eu posso dizer que grande parte do que eu escrevi, a maioria das coisas que eu fiz eu devo às pesquisas que fiz na Mário, tanto na parte de raros, quanto na coleção geral, como na parte de jornais e periódicos em geral.

**AEA:** Eu ia perguntar isso, professor: as fontes que você pesquisava, que tinha na Mário, você usou nas suas pesquisas?

**MAV:** Foi fundamental, no caso de Canudos, por exemplo, trabalhando com o *Estadão*, trabalhando com a bibliografia do período século XIX, com a bibliografia posterior, foi essencial. A parte sobre o Segundo Reinado, foi ótimo tudo o que eu acabei encontrando aí e que depois até, tempos depois, fui vendo como foi adquirido tudo aquilo: parte era do Felix Pacheco, parte era disso, parte era daquilo, mas eu fiquei descobrindo isso depois. Mas foi fundamental ter trabalhado com esta parte, tanto de raros, da coleção geral, a parte de jornais e revistas.

E isso os funcionários ajudaram muito, os bibliotecários ajudaram muito. Tanto no caso das cabines – quando eu falei primeiro do caso da Neuza – mas depois passou a Ângela. Passaram vários funcionários: a Tamiko na parte de periódicos fez coisas incríveis. Eu cheguei, o caos estava tão grande em certo momento da Mário de Andrade, que não tinha jeito de ter gente para trazer jornais, que pesam para diabo, lá de cima para baixo, então eu ia na torre. Várias vezes eu fiquei na torre copiando algumas coisas porque não tinha jeito de trazer, porque era impossível trazer porque não tinha funcionário, especialmente um período em que o

pessoal do PAS<sup>15</sup> foi transferido para a Mário, porque quando o Maluf<sup>16</sup> criou o PAS, que foi uma das tragédias que o Maluf fez na cidade de São Paulo – ele fez várias, mas uma foi o PAS – os funcionários que não podiam ser demitidos da área da Saúde, que eram concursados, foram transferidos. Então veio tudo aqui para Mário – gente que trocava fralda. E as pessoas não tinham a mínima ideia do que era uma biblioteca. Eu lembro que tinha um rapaz muito engraçado, que em uma das férias da Neuza no setor de cabines, ele acabou ficando lá, tapando um buraco. Aí você pede cinco, oito livros e vinha, ele falou: “Você pede muitos livros”. Eu falei: “Claro, está na biblioteca, eu não posso pedir carne. Aqui na biblioteca a gente pede livros”. Mas aí eu fiquei meio indignado, mas fui perguntando lá, acolá, me falaram: “Não, ele veio do PAS”. Claro, ele era do PAS, não tinha nem ideia. Porque eu pedia os livros, ele achou que eu pedia por diletantismo. Ele não tinha nem ideia o que era livro, o que as pessoas estavam fazendo lá lendo, achando que as pessoas, claro, deviam estar perdendo o seu tempo.

Então isso foi terrível e os funcionários pegaram uma década complicada dos anos 1990, mas conseguiram mesmo isso. Lembro que na época da gestão Pitta<sup>17</sup>, por exemplo, o Konder – que foi um péssimo Secretário de Cultura de São Paulo – ele impôs um decreto qualquer aí que precisava pagar R\$ 100,00 para tirar fotos, qualquer coisa. A Biblioteca sequer tinha luz, não tinha papel, as impressoras não tinham nada. Eu me lembro que acabei fazendo – e aqui acho que não vou falar quem – mas fazendo pagamento em lâmpada, ou seja, se pagasse iria para o tesouro no município, na gestão Pitta, hein, que fim iria ter aquilo? Então, nós pagamos em lâmpadas. Quando eu digo nós, foi a editora. Eu falei: “Pessoal, compra...” era, parece, uma dúzia de lâmpadas fluorescentes assim, um cartucho de impressora, entrou escondido pela parte de trás da Biblioteca... É o caos absoluto. Ou seja, nada funcionava e o que funcionava era graças ao esforço dos funcionários. E depois ela teve problemas terríveis na parte de conservação, porque a reforma feita na gestão Erundina<sup>18</sup> – foi importante, claro, ter uma reforma – mas foi muito malfeita, porque logo após, quando abriu, no início de 1993, já estava

---

<sup>15</sup> Plano de Atendimento à Saúde

<sup>16</sup> Paulo Maluf: Prefeito da cidade de São Paulo nos períodos 1969 a 1971 e 1993 a 1996.

<sup>17</sup> Celso Pitta: Prefeito da cidade de São Paulo entre 1997 e 2000

<sup>18</sup> Luiza Erundina: Prefeita da cidade de São Paulo entre 1989 e 1992



desabando o teto da recepção. Caiu o teto de gesso, depois na coleção geral caiu a iluminação; desabou, eu vi!

Por que eu estou dizendo isso? Porque teve um Secretário de Cultura, que ganha salário de doutor, mas não é doutor que é o Marco Aurélio Garcia – porque não tem tese de doutorado, podem procurar que vocês não acharão – que uma vez insinuou que iria me processar por eu ter dito uma questão sobre a Biblioteca. Mas desabou a iluminação lá, descascou, estava tudo descascado, as paredes... Isso meses depois, em 1993. Os banheiros não funcionavam, a situação foi caótica. Já era muito difícil a parte elétrica e tal, e foi agravando. A gestão Pitta, gestão Maluf, não comprou um livro. Gestão Pitta não comprou nada e a gestão Marta<sup>19</sup>, ela imaginou que ela era Francisco I, então ela criou o Colégio de São Paulo, tal qual ele criou o Colégio de França.

Ela não sabe quem é o Francisco I, nem o Marco Aurélio Garcia, mas quem sabe, quando ele criou era um centro de pesquisa, uma biblioteca que sequer tinha papel higiênico, não tinha banheiro, não se comprava livros há 12 anos, ele criou o Colégio de São Paulo. Mas ele não gosta de biblioteca, porque ele não ama a Biblioteca, não lê um livro inteiro. Então, com estas pessoas, quem foi dirigir a biblioteca nunca usou a biblioteca, uma boa pessoa até, dizem; não conheço, é o Castilho<sup>20</sup>. Estou me referindo, eu não conheço, mas dizem que é uma boa pessoa, mas não é pesquisador. Ninguém pode dirigir uma biblioteca se nunca andou em uma biblioteca, não ama os livros, não gosta de bibliotecas. Porque no Brasil, intelectual não vai à biblioteca, não gosta de biblioteca. Eu nunca encontro intelectual em biblioteca. É inacreditável! Em outros países, sim, no Brasil, não. No Arquivo do Estado eu não encontro historiador. Eu me lembro quando ele era na Rua Dona Antonia de Queirós, que eu encontrava lá o Bóris Fausto e achava estranhíssimo. Era o único que eu via – eu nunca falei com ele, até preciso contar essa história para ele – que eu via sempre ele lá mexendo nas coisas, falei: “puxa!”, porque os outros nunca iam. No outro então agora no Tietê, nunca vejo ninguém.

**AEA:** Acho que eles mandam os bolsistas de iniciação.

---

<sup>19</sup> Marta Suplicy: Prefeita da cidade de São Paulo entre 2001 e 2004.

<sup>20</sup> José Castilho Marques Neto: Diretor da BMA entre 2002 e 2005.



**MAV:** Os bolsistas que copiam tudo errado, muitas vezes fazem aquelas coisas, muitas vezes são bons bolsistas, outras vezes... Depois escrevem livros, você critica e depois dizem que você é chato. Lembro de uma vez que eu fiz uma resenha dizendo que estava tudo errado no livro, aí disseram que eu era chato. Mas estava tudo errado mesmo. Ou quando uma pessoa publica um livro e diz que... e a pessoa identifica os erros – e não fui eu, foi um jornalista célebre da *Folha de São Paulo* – e a pessoa insinua que o livro foi escrito pelos orientandos dela e ela só pôs o nome. Imagina a que ponto nós chegamos, mas está no Currículo Lattes da professora, o livro.

Então, você imagina o seguinte: a biblioteca ficou naquela situação terrível, aí chegou a gestão Marta. Então imaginou que bastava fazer as coisas no Colégio São Paulo, paga R\$ 500,00 para um, R\$ 1000,00 para outro – vocês sabem, a intelectualidade brasileira adora umas migalhinhas. A única coisa que o Garotinho<sup>21</sup> disse na vida foi uma frase: “O pessoal adora boquinha”. O Garotinho não serve para nada, mas disse uma frase que acho que devia aproveitá-la. Então uma boquinha aqui, pôs assessores – era incrível, tinha assessores. Eu falei: “Tanta gente!” – “Assessores” - Quem é aquela pessoa?”. Bem, não vou dizer agora, mas me disseram porque ela estava lá. Eu falei: “Poxa, mas tem assessores, assessores, assessor disso, para que tanto assessor?”. E livro não tinha, livro não tinha. Não tinha sequer sido catalogado o acervo. Você ia no computador, “Aqui só tem um terço do acervo”, então parecia piada – depois fazem piada de Portugal – só tinha um terço do acervo ali, então você não vai ali, você vai nas fichas. Isso na maior capital da América do Sul, tem uma biblioteca como aquela.

Então eu estava indignado e sempre indo lá, vendo as coisas, aí não achava; pede um material, não tinha, falavam: “Vai na João Dias”, ir na João Dias era melhor ir no inferno, porque ali você não achava absolutamente nada, um verdadeiro horror. Aí eu resolvi, indignado com isso, foi em 2002, eu lembro que tinha pessoas que estavam reclamando, várias pessoas consultavam, todo mundo ia lá, ficava horrorizado, mas ninguém fazia nada. Não fazia nada por quê? Primeiro porque é amigo de um, alguém presta um favor... Na época do Konder, inclusive, diziam que livros saíam dos Raros, ninguém sabe como, e voltavam. Não sei se voltaram

---

<sup>21</sup> Anthony Garotinho: Governador do estado do Rio de Janeiro entre 1999 e 2002.



mesmo, mas saíam. Isso me contaram. Bem, eu soube depois que tinha quase sete mil não catalogados. Imagina que pode ser oito mil, pode ser seis mil, pode ser dez mil, ninguém sabe, mas virou a “casa da mãe Joana”; tudo isso em uma biblioteca criada com grande esforço na gestão Fábio Prado, graças ao Paulo Duarte – que é uma pessoa importantíssima na história da cidade e merece meia praça, ali, ao lado do Largo São Francisco, tem o Largo do Ouvidor e meia praça chama Paulo Duarte, só a calçada. Alguém que comprou o terreno, que foi alguém que incentivou a compra do terreno, que criou a biblioteca, criou o departamento de cultura...

Se há coisa na cidade de São Paulo é o Departamento de Cultura, cujo primeiro diretor foi o Mário de Andrade, que o Prestes Maia mandou embora – Prestes Maia mandou embora Mário de Andrade, isso tem que ser registrado. E a primeira biblioteca, quando nasce, aquilo é graças ao Paulo Duarte, ao esforço do departamento de cultura, ao Mário de Andrade, ao Rubens Borba de Moraes. A compra do terreno e a edificação do prédio, que teve toda uma grande novela, que o Prestes Maia fez todas as mudanças destruindo o prédio, criando dificuldades para inaugurá-lo, de todos os tipos, quando estava o prédio pronto, malfeito porque o Prestes Maia alterou o projeto – eram duas torres etc. – fez tudo ao contrário. Aí não tinha funcionário, e postergando, postergando, até um dia em que o Rubens Borba de Moraes acabou sendo mandando embora por causa daquela estátua horrorosa que tem na entrada, que é uma mulher de camisola e um livro na barriga – aquilo lá é de um mau gosto a toda prova, somos um país do mau gosto, mas aquela é incrível, não sei, uma mulher de camisola com um livro assim. Você olha aquilo, e o pior, vocês observam que ela é toda escura e só as unhas é que estão claras. Sabe por quê? Porque se você for mexer, você vê: ela balança, ela está mal colocada, então os funcionários da limpeza só limpavam os dedos. Então por isso os dedos estão cor de ouro e o resto está escuro, inacreditável! Este é o país do absurdo. Porque eu ia lá, sempre olhava aquilo e me incomodava, aí me falaram: “Você vê que balança”, aí eu fui lá, alguém segurou atrás, deu uma balançada e eu falei: “É, balança!”, e colocaram aquilo.

Bem, o Rubens Borba de Moraes chegou irritado com o Prestes Maia, que insistiu em colocar aquilo; pediu uma frase para colocar no livro e ele sugeriu aquela que está na entrada do inferno do Dante, na *Divina Comédia*, que é: “Vós que entraís perdeis as esperanças”. Ele sabia, evidentemente, que ao colocar isto seria



demitido. Em seguida, à tarde, o Prestes Maia o demitiu. Ele depois foi para a Biblioteca Nacional, dirigiu com brilhantismo a Biblioteca Nacional, a Biblioteca da ONU e a Biblioteca da UNESCO, mas não servia para dirigir a Biblioteca Mário de Andrade, segundo o Prestes Maia. Bem, e ele não é nome de rua em São Paulo, mas o Salim Farah Maluf é, Fuad Lutfalla – genro do Maluf – é, Dona Maria Maluf, mas o Rubens Borba de Moraes não é, não merece ser lembrado na história da cidade. Até o general Miltinho do segundo exército é lembrado em um viaduto, você imagina o general Miltinho! Só falta o Sérgio Paranhos Fleury, que é homenageado em São Carlos, que é nome de rua, o torturador do DOPS paulista é nome de rua em São Carlos, ao lado da Universidade, inclusive, é inacreditável e até hoje não tiraram. Eu desde que eu estou lá, há 15 anos, falo isso todo dia, mas dizem que não pode mudar, que dá problemas com as escrituras, etc. e tal, precisa refazer...

Mas o que interessa é que a situação estava caótica, aí eu resolvi escrever um artigo na *Folha de São Paulo*. E escrevi um artigo fazendo uma piada, claro, porque tem que manter o bom humor. O bom do Brasil é o seguinte: que a gente tem de manter o bom humor, senão o sujeito fica maluco. E eu lembrava da Biblioteca de Alexandria que acabou sendo incendiada. No caso brasileiro não precisou, bastaram três prefeitos: Maluf, Pitta e a Marta, que é uma pseudointelectual. Esse pessoal não lê, não gosta. Esse pessoal odeia livros; na verdade, odeia cultura. O bom artista, os bons intelectuais para eles são aqueles que seguram suas pastas, os agradam, desses que eles gostam; quando, na verdade, o intelectual é para ser sempre da oposição.

Então, o que acontece? Eu escrevi o artigo na *Folha*, na página três, dizendo: “Olha, a situação está caótica”. Aquilo, no dia seguinte, o abaixo assinado, abaixo assinado! Ao invés de resolver o problema da biblioteca, fizeram um abaixo assinado. Nós somos um país incrível! Quer dizer, você tem uma situação caótica, você resolve com um abaixo assinado, assinado por sete pessoas que não iam à Mário há, no mínimo, uma década. Eu desafio que no registro está escrito alguma coisa. Tem um que só foi lá... Quando? Quando inaugurou, ou quando foi conversar com o Sérgio Milliet – que foi o segundo diretor de lá, que foi injustiçado depois e, em parte, morreu porque foi tirado da Mário, que é uma tremenda sacanagem o que fizeram com ele – e assinaram, fizeram um abaixo assinado, o secretário, Marco Aurélio Garcia, insinuando que era mentira. Porque a Mário, ele queria fechar a



Mário de Andrade, o Marco Aurélio Garcia, Secretário da Cultura, queria fechar a Biblioteca Mário de Andrade. Ela só não fechou porque os bibliotecários abraçaram a biblioteca, e tem fotos, que o sindicato tem. E ele dizendo que era mentira, e eu estou dizendo que isto ocorreu, quer dizer, a que ponto nós chegamos! Por quê? Porque são pessoas que não amam livros, não gostam de biblioteca, mas eles estão no lugar errado. Eles vão cuidar de outra coisa: escritório de contabilidade, de um açougue, de uma pastelaria, vai ser secretário do Presidente da República, faça qualquer coisa. Vai no Palácio do Planalto, fica viajando, faça isso, não vá cuidar de cultura; especialmente, pessoa que não lê, que não gosta de cultura, que não gosta de cinema, de teatro, de literatura, não gosta de nada, está ali por acaso, faz militância política. Para quem faz militância política o lugar não é a Biblioteca Mário de Andrade ou a Secretaria de Cultura.

O que acabou acontecendo foi que virou um banzé. Foi bom porque deu repercussão, deu na CBN, foi reproduzido em todo lugar, foi um barulho. Eu achei ótimo, mas, na seção de leitores da *Folha* só saía carta contra mim, e os meus amigos escreviam a favor e não saía. Eu falei: “Mas, espera, alguma coisa está errada!”. Aí eu fui falar com o rapaz que editava, falei: “Alto lá! As pessoas estão mandando!”, eu posso dizer um: o Roberto Pompeu de Toledo, da *Veja*, tinha acabado de escrever um livro sobre São Paulo, sabia da situação caótica, escreveu dizendo: “É verdade” e não saía a carta. Ele falou: “Só se é porque eu sou de uma revista, o pessoal do jornal não quer”. Finalmente saiu uma carta. Foi do Zé Leonardo do Nascimento, que conhecia aqui a situação da Biblioteca, estava sempre lá. Essa única carta, o resto tudo carta contrária, dizendo que era tudo um absurdo e que eu estava a serviço – porque foi ano eleitoral – da candidatura Serra, que eu sequer conhecia pessoalmente; que eu estaria a serviço, que o comitê de campanha tinha feito aquele texto e eu... delírio puro, que comitê de campanha? O meu problema era a Biblioteca.

Aí teve a resposta do diretor. Eu respondi outra vez. Depois teve uma resposta do diretor. Teve quatro artigos que acabaram saindo e teve uma ótima repercussão. Achei excelente, apesar de que as pessoas diziam que eu estava querendo cavar um cargo, que era para ser diretor da biblioteca, depois era para ser secretário de cultura, eu lá estou querendo cargo? Meu problema é ler livro, meu problema é que eu vou morrer logo, logo – espero que daqui uns cinquenta anos – e



falta ler um monte de coisas. O meu problema não é ter cargo. Pior coisa é participar de reunião burocrática. Você imagina, cuidar daquelas coisas? O meu problema é o tempo, mas disseram que era isso, que eu queria um cargo de qualquer jeito.

Houve toda essa polêmica, mas foi muito bom; bom porque a Biblioteca entrou na campanha eleitoral. Eu me lembro que o *Caderno 2* do *Estadão*, teve lá uma discussão com os dois principais candidatos a prefeito e apareceu a Mário, porque, no caso, o candidato Serra fez questão de falar da Mário. Lembrou o tempo que vinha da Mooca consultar a Biblioteca, “as mesas eram assim, assado, tinha isso, eu li isso, eu li aquilo, eu pegava tal bonde ou ônibus, fazia isso”. Eu falei: “Pelo menos apareceu isso na campanha!”.

E aí eu fiquei extremamente satisfeito quando depois veio a questão da reforma que era um problema terrível para os pesquisadores. Você estava consultando o *Estadão*, aí o *Suplemento Literário*, que saía uma vez por semana, “Onde está?”, “Na João Dias”. Parte do material está aqui, parte na João Dias. Então era horrível e muitas vezes era resolvido graças ao incrível esforço dos funcionários, que iam lá – muitas vezes até em carro do pessoal mesmo, particular – traziam o material. Então, acho que foi muito bom todo esse barulho, de ter falado da Biblioteca, de ter brigado pela Biblioteca; evidentemente, alguns dizendo que esta questão era de uso político – “Para quê ficar falando de biblioteca, se queimando.” - alguns diziam assim... Porque nossos intelectuais são intelectuais do ‘sim’. De preferência do ‘sim, senhor’.

**AEA:** Professor, já que você estava falando da polêmica, quando você escreveu este primeiro artigo imaginava que fosse ter essa...

**MAV:** Não, em hipótese nenhuma, porque eu estava escrevendo há algum tempo, também na página três da *Folha*, artigos sobre conjuntura brasileira. Foi muito legal porque antes eu escrevia resenhas no *Mais* e ninguém lê muito os cadernos culturais, vamos ser sinceros. Só deu uma vez um problema, uma resenha que eu fiz lá que deu um banzé danado. Tanto é que eu fiquei um ano e meio sem escrever resenha porque eu não podia criticar algumas pessoas.

Eu comecei a escrever algumas coisas lá na área de política. Foi bom, foi muito legal, a partir de 2002, início de 2003. E foi muito bom até para eu



acompanhar os dois governos Lula. As pessoas até falam: “Você devia reunir tudo isso, porque tem muita coisa, publicar um livro, talvez”. Eu falei: “É, vamos até pensar”. E algumas vezes eu tentava falar de outra coisa. Mas o que eu falei, fugindo do tema política, foi este, mas que é uma questão fundamental, não imaginava, mas é que eu tinha visto a situação e todo mundo reclamando. Não era um: chegava no microfilme a máquina não funcionava, ia no xerox, um dia faltava papel, no outro dia faltava toner, no outro não estava o funcionário, no outro dia não tinha as três coisas, era impossível! E sempre aquela coisa precária, sempre se pedindo uma espécie de favor. Isso é um horror! Instituição pública não é para funcionar na base do favor. Ela tem que atender qualquer pesquisador do mesmo jeito. Não é porque se um conhece, outro vai dar um jeitinho, jeitinho coisa alguma! Tem de funcionar direitinho aquilo. E nada funcionava: microfilmes... Depois teve problemas em outros setores da biblioteca, outro dia... Então chegou uma hora que eu falei: “Não dá”, escrevi.

Não imaginava que teria essa repercussão. E fiquei depois muito satisfeito, porque entrou em *blogs*, foi reproduzido em um monte de lugares. Tanto que se a gente pegar pelo *Google* é possível até levantar, tal. Foi muito legal, eu fiquei muito satisfeito e gostaria sempre que uma das grandes discussões políticas brasileiras fosse a questão das bibliotecas. Porque, por exemplo, depois nós vimos como a Biblioteca Nacional passa por problemas gravíssimos e não é de hoje. Quando o Rubens Borba foi para lá, chegou e viu uma situação desastrosa. Inclusive, parte do material – quando falam muito de duzentos anos do Dom João VI, dos livros que vieram de Portugal – é bom lembrar que grande parte foi toda destruída. O que o Rubens Borba diz da situação em que estava a Biblioteca Nacional, que era dirigida, anteriormente, pelo Rodolfo Garcia: livros destruídos, parte de material que não era mais possível aproveitar, então acho que é isto, discutir.

E o panorama no resto do Brasil é terrível das bibliotecas e isso foi uma coisa legal, porque em outros lugares, em outros estados, as pessoas mostrando as dificuldades que tem nas bibliotecas, esta dificuldade que a gente tem de atualização do acervo, de informatizar, de chamar os pesquisadores para as bibliotecas. E há um outro problema também: as pessoas não vêm para o centro da cidade, há uma discriminação em relação ao espaço do centro. Tem pesquisador que, no máximo, deve ter vindo à Paulista. A cidade de São Paulo para ele para na



Avenida Paulista. É como se fosse uma linha imaginária, a partir dali está eletrocutado, se passar toma choque. Então, ele só vai dali para lá, ou ele vai para... Se ele mora na Vila Madalena, ou Pompéia, Perdizes, etc., chega ali até a USP, mas não vem para cá. Claro que as condições...

Muitas vezes eu me lembro que eu chegava às nove horas da manhã, isto depois da reabertura da biblioteca, você pegava um cenário meio caótico: cheiro de xixi, um monte de gente dormindo na rua... A situação era meio desagradável, mas esta é a realidade, este é o país, gente! Não pode... este é o país em que a gente vive. E as pessoas não vinham, inclusive até perdendo a região central. Para a cultura, além da biblioteca, no caso dos livros, tem os sebos que são ótimos, excelentes, que as pessoas podem circular. Mas as pessoas não vêm, ou elas tentam comprar pela internet ou vão, também, para o outro lado da cidade. Agora, tudo isso acabou tendo esta repercussão que foi muito positiva, e eu acho que foi até quando foi assinado o ato da reforma da Biblioteca, foi até lembrado e eu acho que foi muito legal, porque foi uma mostra de que um esforço pequenininho, claro que é muito pequeno, acabou valendo, apesar da queimação política, do pessoal fazer toda aquela queimação, como se uma questão de... Fosse político-partidária, uma questão da conservação da maior biblioteca de São Paulo.

**AEA:** E, professor, aproveitando que você tocou nesta questão da Biblioteca Nacional, eu queria saber sua opinião. Se o fato dela ter se transformado em uma fundação fez com que ela readquirisse uma certa vitalidade e se, talvez, fosse uma solução para a Biblioteca Mário de Andrade - a primeira pergunta.

A segunda pergunta: você mencionou isto das pessoas não virem até o centro, não virem até a Biblioteca fazerem as suas pesquisas, se estes centros de pesquisas ligados às Universidades, eles rivalizam com acervos como os da Biblioteca?

**MAV:** É, eu acho que pode ser que uma estrutura de fundação agilize a administração, que este é o problema. A administração pública é muito difícil, não é fácil, tudo é muito complicado. É uma máquina pesada: as contratações, demissões, compra de material, tudo é muito complicado. Fica aquela ideia de que sempre o administrador vai roubar, então criam-se enormes dificuldades. No fim, o roubo, para



quem quer roubar, rouba de qualquer forma, independente se tem dificuldades ou não, e o bom administrador é que acaba sendo tolhido, é terrível. Então, criar uma forma de fundação pode ser uma excelente forma de dar agilidade administrativa em todos os sentidos: compra, contratação, demissão, criação de atividades; conseguir gerar recursos, gerar renda e assim por diante, acho isto essencial.

Os centros de pesquisas das Universidades acabam retirando pesquisador, porque, durante o largo período da história de São Paulo, quando a Biblioteca foi inaugurada, nos anos 40, os pesquisadores... A USP era aqui na Rua Maria Antonia também, então as pessoas vinham muito por aqui. Os jornais estavam aqui, o *Estadão* estava aqui ao lado, a *Folha de São Paulo* ainda estava na Barão de Limeira, então o espaço de circulação dos intelectuais era muito pequeno. O Pari Bar atrás da Biblioteca Mário de Andrade era o grande bar, o diretor Sérgio Milliet tinha até uma mesa fixa lá, e a Biblioteca... quer dizer, havia uma circulação. Quem quisesse ler um grande autor paulistano, que ninguém lê, que era o Marcos Rey, ninguém lê em literatura adulta, ele tem brilhantes romances sobre a cidade de São Paulo em que dá para se fazer uma geografia; um grande livro chamado *Maldição e Glória*, do Carlos Maranhão, conta a vida dele, onde é o espaço de circulação dos intelectuais, onde era? Onde ficavam os bares, as boates, as livrarias, onde eram os lançamentos de livros, a universidade, os jornais. Então havia um espaço, que era este espaço central aqui de São Paulo. Com o passar do tempo houve um processo de degradação muito grande e acabou se espalhando para os outros locais. E as universidades, quando cria-se a Cidade Universitária, acaba indo para lá. Isto acabou, porque tendo biblioteca lá, acabou tendo este papel de rivalizar centros de pesquisas e tal. Mas acho que mais que isto, eu acho que isto em parte explica, mas não só. Eu acho que esta questão de intelectual, volto à questão, não gostar de biblioteca, intelectual não vai à biblioteca ao contrário de... Um amigo, Zé Leonardo, já citado, mostrando que a Biblioteca Nacional em Paris tem pessoas que vão vir trinta anos, trinta anos, vai. Os caras vão religiosamente lá. Aqui a biblioteca fecha nas férias, dentro da Universidade, fecha nas férias, você acredita? Como se nas férias a biblioteca pudesse fechar. Não pode funcionar à noite, então, todo feriado é motivo para ficar fechado direto. Então é aquela ideia de que a biblioteca é meio para nada. Não há esta ideia de que a biblioteca faz parte da história cultural da cidade, faz parte da vida das pessoas.



Durante um período a Mário teve este papel. Eu falei mal da estátua, mas havia um grupo que se reunia em torno da estátua, inclusive intelectuais que se formaram por si só. Um deles é o Maurício Tragtenberg, já falecido, brilhante sociólogo, e as pessoas se formaram lendo os livros ali da Mário. Mas este processo de degradação foi tão grande que chegaram momentos que na seção de periódicos as pessoas ficavam lendo jornais. Antes a seção de jornais era logo ali na entrada e era um caso de polícia: eram mendigos, tinha gente que entrava na biblioteca para ir ao banheiro; tinha, inclusive, até recentemente, uma lista escrita “WC”. Eu fui perguntar, eu falei vou perguntar o que este fazendo esta lista: “É o pessoal que entra e que vai no banheiro”, disseram. É inacreditável, tinha gente que entrava na Mário porque ia fazer um pagamento, isso eu vi, e não podia pagar fora porque tinha medo de ser roubado, entrava na Mário, fazia o pagamento e saia. Quer dizer, isto é um absurdo, o espaço está totalmente perdido!

E tem este problema das pessoas não virem mesmo ao centro, as pessoas não andam a pé, não circulam, não vão a sebos. Se não gostam de biblioteca, não gostam de sebo também, não conversam com as pessoas, não vão a museus também. Você não encontra as pessoas, elas não vão, não conhecem a cidade, a região central e não conhecem outras regiões também. As pessoas vivem em uma espécie de *Huit Clos* sartreano, uma espécie de uma vida intramuros, dentro do seu departamento. Eles escrevem livros que ninguém lê, ou fazem pesquisas que demoram vinte anos e nunca viram livros, e sempre há uma conspiração da direita contra eles. E um dia, quem sabe, vai ser lido porque Kant demorou vinte anos, mas ele não é Kant. Mas é uma justificativa para não fazer nada, então grande parte... E tem dinheiro, recurso, tem gente que viaja. Olha, tem gente que trocou não sei quantos passaportes, mas não escreve livro. Teve um livro, *Conversando com Filósofo*, ou algo parecido, um dos senhores lá no final, não escreveu um livro, o homem tem sessenta anos, não é possível! Não é possível! Agora, quantas bolsas ele teve? Então, bem, tem gente que ganha bolsa para fazer lua de mel. Tem um professor na Unicamp, sabe? Que teve uma lua de mel em Amsterdã, ganhou uma bolsa, professor de história, e isto é um fato sabidamente conhecido. Por isto que não pode falar de ética na política, quando as pessoas não são éticas na sua vida pessoal e na sua vida intelectual. Por isto muitos intelectuais, muitos desses, têm muitas dificuldades, inclusive, de participar de debates políticos.



Agora, acho que o papel é este, é claro. A Universidade acabou rivalizando, indo para lá. A PUC tem a sua biblioteca, a Fundação Getúlio Vargas tem a sua, a Unicamp também está fora de São Paulo. E isto é a questão de você ter vários locais onde tem a memória da cidade. Mas acho que em parte é, realmente, que nós temos uma, não sei, uma geração, e não é a primeira, de incultos, de professores incultos, basta ver o que eles conversam. Muitas vezes as pessoas acham que os professores de primeiro e segundo graus, do Fundamental e Médio hoje, é que tem má formação. Os professores universitários, alguns, dá vontade de chorar, eles não acertam conjugação, as frases não terminam, não tem ponto final, basta a gente ouvi-los, ou tentar ler o que eles escrevem. Alguns são ilegíveis. Então o nível cultural infelizmente é muito baixo. É desagradável dizer isto publicamente, parece que é ser chato, que é fazer crítica, mas é a triste realidade; ou você fala, ou você omite isto, como eu não dependo de bolsas deles, as coisas que eu faço, eu faço porque me dá na telha e com isto eu acabei publicando e fazendo um monte de coisas, não fico carregando pasta. São os “chato-boys”, como dizia o Oswald de Andrade, os que ficam carregando pasta para uns, carregam pasta para outros, para obter benefícios, infelizmente é assim que funciona.

Tem concursos, por exemplo, em universidades públicas, que o resultado já é agendado. Para não dizer, eu participei de uma banca sobre rotatividade, falei: “Quem é aquela pessoa?”, que eu não conhecia, a pessoa falou assim: “Ah! Aquele vai entrar no concurso o ano que vem”. Como? Eu falei: “Que legal! Então você já sabe quem vai entrar no concurso!”, e assim vai. Isto que eu estou dizendo, tudo mundo sabe, não é nenhuma novidade. Isto explica o baixo nível das Universidades públicas, especialmente de alguns departamentos da USP, por exemplo, não só de lá, mas de outras Universidades. Agora, há muita gente boa também, há excelentes pesquisadores, etc., mas estes acabam ficando isolados, porque existe um sistema de poder que beneficia aquele que não escreve e que faz a pesquisa intramuros, que você nunca conhece.

**AEA:** Professor, isto me leva a uma outra pergunta. Voltando à questão das fontes que o senhor usou nas suas pesquisas, e você mencionou que usou muito a bibliografia da coleção de Raros relativa ao Brasil Império, Período Regencial. Isto não seria um diferencial da Mário em relação a estes centros de pesquisa?



**MAV:** Isso! A parte de Raros é excelente! Excelente, mas é preciso fazer algumas modificações. Tem um dos funcionários lá que é muito bom, o Bruno, pessoa muito séria, competente, mas é necessário entender, muitas vezes, qual é o papel de uma biblioteca pública. Acho que é aquela história, eu tinha até conversado com você... o Pedro Nava, em um dos volumes, não sei se é o *Galo das Trevas*, ele diz, se referindo à Biblioteca Nacional, que tudo é feito para expulsar o pesquisador da biblioteca, e ele está se referindo à Biblioteca Nacional. Ele diz o contrário; devia ter na porta alguém, com alto falante, dizendo: “Entrem, entrem, entrem!”, mas o processo é inverso: “Vão embora, vão embora, vão embora!”. É sempre para expulsar o consulente. Então, muitas vezes horários restritos... tem de cada vez mais ampliar os horários! Chegou uma época dos horários que eu me lembro que funcionava das nove às 17 horas, depois, nove horas às 12 horas, 14 horas às 17 horas, depois era só 14 horas às 17 horas, depois não funcionava, então é terrível, porque muitas vezes...

E você tem de ficar copiando à lápis, é uma coisa complicada. Tem de criar formas que agilizem, facilitem a pesquisa, porque muitas vezes há uma contradição entre conservar o acervo e ter consulentes. Isto precisa ser resolvido, é uma contradição terrível, especialmente na área de Raros. Mas, tomando todos os cuidados com a pesquisa, a parte de Raros é realmente excelente, o material é riquíssimo e é muito importante. Muitas vezes para você comparar a primeira edição com segunda, com a terceira, porque muitas vezes ela é alterada e se você tem, e este é um problema da Mário, não é possível uma biblioteca como a Mário de Andrade não ter a primeira edição dos *Sertões*, não é possível! Eu fiz, aleatoriamente, um levantamento de quarenta títulos de literatura brasileira que tem que ter a primeira edição, e não custa muito, porque se eu for a um sebo, eu compro uma primeira edição por R\$100, R\$200, R\$250. Se pegar o Bradesco ou qualquer banco, falar assim: “Vamos comprar cem primeiras edições de cem clássicos de literatura brasileira”, vai custar quanto, R\$70.000?, para o Bradesco, ou para qualquer instituto não é nada, isto é migalha. Eles vão lá e compram, dão R\$70.000, se compra os livros, coloca lá, que ainda precisa dar uma melhorada.

O que tem lá é extremamente importante e isto facilitou muito minha pesquisa, e muitos, de Raros, estavam na Coleção Geral porque era uma bagunça



generalizada. Então tinha livros, por exemplo, do final do século XIX, que não eram para estar. Tem livros que estavam nos Raros e eram para estar na Coleção Geral e os da Coleção Geral estavam nos Raros, estava tudo trocado, alguns estavam trocados. É essencial esta parte de raros, como foi essencial a pesquisa de jornais, de revistas. Foi assim fundamental, inclusive, porque isto possibilitou abrir, e isto que é o bom acervo, aquele que gera outras pesquisas: você está pesquisando um tema, mas o material é tão rico que possibilita você fazer outra coisa, e isto possibilitou, por exemplo, no caso, especialmente dos periódicos, a ver outros temas, pegar outros assuntos, descobrir personagens que estão sumindo na história, eu falava: “Por que esta pessoa sumiu?”, aí acabei encontrando, então isto foi extremamente rico para mim.

**AEA:** Professor, você estava falando de fontes, você se recorda da maior preciosidade que você encontrou?

**MAV:** Que eu encontrei... Olha não me recordo não, não me recordo qual, mas várias vezes eu tive surpresas agradáveis, de ter encontrado livros que eu nem sabia que existiam, porque aquele autor, por uma série de acasos, acabou aparecendo para mim. Aí eu falei: “Vou olhar se tem”, e acabei encontrando. Agora, uma coisa pior para o pesquisador do que encontrar no fichário o livro, você fala: “Ah, achei!”, você faz o pedido e recebe o aviso “deslocado”, isso é um horror! Aí você fala: “Deslocado para onde?”. Se alguém colocou errado, e é bom lembrar que a Mário tinha funcionários analfabetos – analfabetos, é verdade. Tinha uma senhora, por exemplo, que ela tratava muito mal a gente na entrada. Eu não entendia o porquê. Eu levava numa boa, e aí um dia ela pegou a carteira de identidade ao contrário, aí eu percebi, claro, era absurdo! Tinha gente que recolocava livro na torre e não dominava nada daquilo, então, ao invés de eu colocar no primeiro, eu coloco no sétimo andar... imagina o rolo que vai dar. Então é um verdadeiro absurdo.

Tem muita coisa, que agora, com a reforma, eu creio que vai ser colocada em ordem. Mas o bom, muitas vezes isto de você procurar, achar um livro, encontrar e aí ler uma pessoa que nunca ninguém quase falou dela, e você fala: “Pô, este cara é bom! Este cara aqui tem umas boas sacadas!”. Porque isto é engraçado, há pessoas que acabam ficando notabilizadas, passam a ser lembradas, outras pessoas que são



muito boas, acabam ficando esquecidas. Eu me lembro de um alagoano que escreveu umas coisas sobre o Euclides da Cunha e teve umas sacadas legais, mostrou como o Euclides – hoje nós chamaríamos meio de plágio – ele pega alguns trechos de certos autores sem falar de quem é, e ele mostrava de onde o Euclides tira e como o erro que o autor original tinha cometido e o Euclides cometeu. Por quê? Porque ele... Tem umas coisas do Joaquim Nabuco que o Euclides pegou do *Estadista no Império*, e ele foi fazer, eu falei: “Puxa vida! Esse cara é bom!”. E uma vez eu tinha visto uma citação dele, então o legal é esta satisfação de, às vezes, encontrar um autor legal esquecido.

Mas aí na Mário, e muitas vezes com o autógrafo do autor, porque o autor se sentia notabilizado por fazer parte do acervo da Mário, é isso que é um outro problema: das pessoas não doarem livros para a Mário. Mas também era impossível doá-los, porque isto é Brasil também. Você queria doar livros para a Biblioteca, mas o obstáculo era tão grande que era impossível. Precisava levar não sei em qual repartição da Lapa, não sei onde; era impossível. Então era uma espécie de impossibilidade, era dizer “não!”, ao invés de dizer não, diz assim: “Você vai doar lá na Cidade Tiradentes”. Aí não dá. Então, este é um outro problema, e é muito legal isso de ter o livro autografado pelo autor, doado à biblioteca. Esta é uma campanha que devia ser feita junto com a campanha das primeiras edições, de falar para todas as pessoas que passaram pela Mário, quantas centenas não fizeram isto em São Paulo, no Brasil e fora do Brasil? Doar os livros. Isto é uma coisa muito legal... isso não substitui, não significa que a Biblioteca não vai comprar livros das editoras, etc. e tal, nada disso. Até pensei uma vez em fazer um depósito legal, quer dizer, a editora na cidade de São Paulo ter de doar, como a Biblioteca Nacional, um livro para a Mário de Andrade. Inventar uma lei na Câmara Municipal, não seria problema nenhum. Ela só fica aprovando lei de rua, podia fazer alguma coisa de útil a Câmara Municipal, que ela pouco faz, como nós sabemos. Então, uma delas seria, justamente, a lei deste tipo. Mas, mais do que isso, ela não vai comprar os livros das editoras, mas se as pessoas doassem, iria ser uma coisa legal, e as pessoas faziam isto antigamente.

**AEA:** Em um desses artigos que você escreveu nesta época para *Folha*, você elencou várias ações que a Biblioteca deveria tomar, uma delas foi a constituição de um centro de doação...

**MAV:** De doação, e as pessoas diziam que era um programa político, que eu estava me candidatando para o cargo. Quer dizer, engraçado... Isto é Brasil! Que nada! Estava justamente levantando algumas coisas que as pessoas, os amigos... porque tem gente que almoça aqui pelo centro, uns amigos, sistematicamente há muitos anos, e o pessoal vai à Biblioteca, gosta de biblioteca – daqui e de outras bibliotecas de outros estados, de outros países. E conversando e falando, olha tem algumas coisas... Esta questão de doação... morre alguém importante, muitas vezes, a gente ama os livros, mas não significa que os filhos e os netos vão amar, esse é o problema! Então, o que vai acontecer? O que vai fazer com os livros? Se doa para a Mário, a Mário fazia triagem: o que é importante fica na Mário, o que não é vai para as bibliotecas distritais, e são tantas! É bom lembrar, agora que eu me lembrei, falei biblioteca: o Prestes Maia fechou a primeira escola de biblioteconomia do Brasil, criada pelo Rubens Borba. Mais uma realização do Prestes Maia, era o grande Prestes Maia e a primeira bibliotecária formada no Brasil deve-se ao Rubens Borba que mandou ela para os Estados Unidos, que é a Adelfa Figueiredo. Mas esta é uma das realizações culturais do engenheiro Prestes Maia.

Mas eu acho que algumas coisas são simples de serem realizadas. Esta questão de doação, por exemplo... então pega uma biblioteca de alguém que deixou cinco mil livros, você faz uma triagem e isso vem, que muitas vezes isso ou é jogado fora ou é dado a preço de banana para os sebos e poderia muito bem ir para a Mário de Andrade. Ela vai ampliando cada vez mais seu acervo. Logo ela vai ter um problema, creio, mesmo após a reforma, que é onde colocar os livros? Mas este é um bom problema, desde que o administrador público superior tenha o interesse de ampliar - a Praça Dom José Gaspar, pode pegar outros edifícios públicos ali da Praça, e ela se transformar em uma espécie de praça da Biblioteca, até com sebos. Seria legal que os sebos, alguns viessem para a Biblioteca, para a Praça Dom José Gaspar, tivesse uns bares, na época tinha o famoso Pari Bar – que até o Sartre foi lá – e a praça virasse este grande espaço cultural. Podia ter feiras de livros, sistematicamente, etc. e a presença da Biblioteca Mário de Andrade no meio e de



prédios anexos com acervos especializados, com ampliação do acervo. Então acho que isto pode ser feito, mas precisa ter interesse também do poder público. E não faltam edifícios abandonados.

**AEA:** Bom, esta é uma das ações que você tinha elencado. As outras eram a ampliação das instalações, contratação de mais funcionários, conservação do acervo, atualização do acervo...

**MAV:** Porque era desesperador a gente olhar o acervo.

**AEA:** E tem outras ações?

**MAV:** Eu acho que isso, atualizar o acervo, por exemplo, é uma coisa complicada. Não se faz da noite para o dia. Inclusive, dado o longo período que não compraram nada, então demora. As últimas grandes compras tinham sido na gestão Erundina. Isto foi um fato positivo, foi comprada muita coisa – eu não digo que compraria aquilo, cada um compra o que quiser, mas foi comprada muita coisa. Na época a Marilena Chauí era a Secretária de Cultura, isto foi importante para o acervo da Biblioteca, agora esta é uma política constante de atualizar o acervo.

Esta questão da conservação... porque você recebia livros que você falava assim: “Não pode estar neste estado este livro!”. Você tomava o maior cuidado, mas tinha pessoas que você olhava, abria o livro assim, tratava aquilo da pior forma possível. Então essa é a conservação. O que demora para reencadernar livro, todo este trabalho e custa dinheiro, precisa ter profissionais, fazer isto onde? Não pode contratar só funcionários para eles fazerem um concurso também, porque aí entra no regime. Se entrar nesta forma tradicional, está frito, por isto que fundação tende a ser uma boa saída para isso.

Eu acho que aquilo, esta questão do espaço físico, logo a Biblioteca vai ter este problema, porque não vai ser suficiente, apesar do prédio do IPESP ser bem grande. Mas acho que se pegar outros prédios próximos ali, ou na própria praça... Eu vejo aquela Galeria Metrópole jogada aos pedaços, ela teve um papel na história, até da cidade, hoje ela está abandonada. O poder público inventar alguma coisa, pegar o prédio, falar: “Este prédio vai ser não sei o quê”, inventa algum negócio. E



se a Praça Dom José Gaspar virasse esse espaço cultural? Isto acaba transferindo as pessoas para o centro, a própria Secretaria Municipal de Cultura estar na Galeria Olido foi uma excelente medida. Isto foi na gestão Marta, medida importante. Também é uma coisa positiva isto dos edifícios públicos acabarem voltando ao centro, ter faculdades até a noite – eu vi lá do outro lado na rua São Bento – quer dizer, só tinha vida até seis, sete horas da noite, depois as pessoas tinham medo de andar na rua. Eu acho isto uma coisa muito importante.

Acho que se a Biblioteca fizesse isto: atualizasse o acervo, conservasse, ampliasse a área, conservasse de forma adequada, chamasse, trouxesse os pesquisadores... Os pesquisadores precisam vir e ter um local que seja apresentado semanalmente, quinzenalmente, não sei, resultados de pesquisas, coisas ágeis, rápidas. Agora, tem um problema: o auditório não pode tocar música em biblioteca, biblioteca é local de silêncio. É só no Brasil que tem um auditório dentro de biblioteca. Assim dessa forma, eu nunca vi isso, porque tem que ser um local separado, isso que é... E o Patrimônio Histórico tombou, eu acho o prédio horroroso, o prédio da Mário de Andrade é feio, prédio muito feio, de muito mau gosto, não me agrada a arquitetura. É mal construído originalmente, pode olhar, a construção é mal feita, típica da cidade de São Paulo. Então não pode ficar tocando música, porque vira o caos, você precisa fazer silêncio, como é que resolve uma coisa? Aí tinha problemas de onde ter uma outra entrada, não sei bem. Aí as pessoas resolvem o que seja possível, o que o Patrimônio possa autorizar, o Patrimônio pode engessar também a utilização dos espaços públicos, que isso é um outro problema. Eu estive hoje no Correio. Fui lá no Correio e vi que tem um monte de alterações em relação ao que era antes. Eu vou lá há milênios, olhei e achei legal que teve aquelas alterações, ou seja, deu vida àquilo, as pessoas usam. O México, que tem o maior centro histórico das Américas – e não sei se é o maior do mundo, mas das Américas é o maior – e foi feita uma brilhante restauração, inclusive pelo que foi candidato a presidente agora, e todos os prédios públicos são usados ou pelo arquivo, ou pelas bibliotecas, exposições... e aqui que o patrimônio público quer engessar a utilização desses espaços públicos.

Eu acho que fazendo aquilo que eu listei lá já é o mínimo para ter esta vida e a gente esperar - porque aí não depende da direção da Biblioteca - que os pesquisadores vão à Biblioteca, efetivamente. Agora, a Biblioteca também tem que



nos receber de braços abertos, saber que uma coisa, ao contrário do que diz um antigo diretor – porque ele disse que a Biblioteca era para os moradores de rua. A segunda resposta, vocês leem na *Folha de São Paulo* o que eu estou dizendo, que a Biblioteca não é para o pesquisador, era para gente da elite, quer dizer, eu sou da elite, você imagina? Eu sou da elite. “A biblioteca para os moradores de rua”. Você sabe que os moradores de rua adoram a Biblioteca, passam a vir na Biblioteca, leem, tal, isto é uma bobagem! Quem diz isto não sabe o que é biblioteca, não tem a mínima ideia. Esta Biblioteca é para pesquisador - raros, a parte de jornais, não é para pegar o menino, a menina lá que está fazendo um trabalho para o Ensino Médio, não é. Isso ela pode fazer nas bibliotecas distritais, inclusive que ela se desloca menos, gasta menos dinheiro, etc. Aí tem que ter uma coisa, que tem em qualquer grande biblioteca do mundo, em que o pesquisador não vai escrever outra vez. Eu não aguento mais escrever meu nome, RG, já estou cansado toda hora de escrever, então você tem uma forma de identificação, de registro, ter um setor de atendimento aos pesquisadores. Não é privilégio, porque aí, nós estamos em um país que... achar que um tem privilégio em relação aos outros. Não é privilégio, é o perfil. As bibliotecas, voltando ao exemplo francês, têm lá, para os pesquisadores, por isto que tem gente, por isto que o sujeito vai vinte, trinta anos e vai e faz pesquisa, publica, então é esse o trabalho, o perfil.

Outras bibliotecas passam a ter outro perfil. Agora essa teria de ter isso, essa cara e aí eu acho que isto pode atrair os pesquisadores também. Os pesquisadores estrangeiros que muitas vezes também não vêm porque cria a má fama, quando a pessoa vem e está fechada, a pessoa não volta, ou fala para o outro: “Ih, você vai lá? Você vai ter problemas!”. Aí ele busca uma outra saída, outra alternativa. Então acho que tem de ser bem recebido. Eu sempre brincava que quando a pessoa chegava à entrada da Mário de Andrade, o sujeito quase levava uma flechada, porque era tão mal recebido, todo mundo mal encarado. Não pode ser assim, a pessoa tem que ser bem recebida, ter informação correta: “Olha, você faça isto, faça aquilo, aqui temos isso”. Quer dizer, ter aquele astral bom, agradável, a pessoa vai saber o que consultar, aquela coisa moderna, não aquela coisa pesada, suja, sempre aquele ambiente sujo, sujo, sujo, sujo. Tem de ter um outro tipo, um espaço que seja também agradável ao pesquisador. Aí a relação fica boa, porque, se ele

encontra no acervo o que ele procura, encontra informatização, a situação fica muito diferente.

**AEA:** Professor, é que estou meio com receio de tomar seu tempo, tinha uma outra pergunta que eu queria fazer...

**MAV:** Mas pode falar, pode falar, não faz mal.

**AEA:** Mas que não tem muito a ver com a Biblioteca.

**MAV:** Eu só queria lembrar o negócio do Rubens Borba, porque eu estou com esta implicância atual. Tem várias, ela vai mudando, a gente em casa fica brincando com as implicâncias do momento, mas é porque eu tenho uma profunda admiração por... O Rubens Borba participou da Semana de 1922. Era uma pessoa que gostava muito de livros e tem uma história importante para a cidade, para a Mário de Andrade e para a vida dos bibliotecários brasileiros. Eu acho que ele, eu acho que o papel... Quando ele sai da direção da Biblioteca, graças a ação nefasta do Prestes Maia, quem é nomeado depois é o Sérgio Milliet que é uma pessoa muito importante para a história da cidade, para a história da Biblioteca e havia a ideia de que o prédio da Biblioteca tivesse a moradia do diretor – o diretor moraria no prédio da Biblioteca, isto no projeto original, que havia em outros países isto também, que é uma coisa legal – a pessoa morar cria toda uma vinculação, porque a ideia da Biblioteca Mário de Andrade tem a ver com o papel econômico da cidade de São Paulo, se transformar em um grande centro cultural, que era o papel da USP, dos jornais, das revistas, o papel do teatro e o papel da Biblioteca Mário de Andrade. Acabou ele sendo diretor por um longo período e depois, quando ele saiu, ele tinha uma salinha onde ele despachava, que era uma espécie de sala dele, que acabou sendo retirada dele, isto é uma tremenda sacanagem porque era uma pessoa que tinha doado todos os seus livros para a Biblioteca, quando ele morreu.

O Luís Martins, a mulher é a Anna Maria Martins – ela é da academia paulista, está viva, porque outro dia eu tive um debate sobre a coleção paulista e eu não sabia que ela era neta ou bisneta do José Bonifácio – fizeram uma coleção aí e eu escrevi a apresentação desse político paulista, que dá nome à Rua José Bonifácio -



é por causa dele e não por causa de seu tio-avô, que é o patriarca. O marido dela, o Luis Martins, foi..., morreu o Sérgio Milliet, eles foram lá. O Sérgio Milliet morava lá num quatinho, ele não tinha nada. Ele tinha três paletós, três camisas e três calças, só isso. Não tinha nada. E tudo o que ele tinha, os livros, tudo o que ele adquiriu nas viagens, ele tinha doado para a Mário de Andrade. Quer dizer, como as pessoas tratam, eu nem sei se ele é nome de alguma coisa, preciso entrar no Guia de São Paulo. Mas é inacreditável, uma pessoa que teve uma importância muito grande para a cidade. E a importância que teve o Mário de Andrade que foi demitido pelo Prestes Maia, como eu já disse, é essencial. E o papel do Departamento de Cultura e do Paulo Duarte. Eu acho que muitas vezes a gente perdeu, eu nem sei para onde foi a biblioteca do Paulo Duarte, acho que foi para a Unicamp, que fossem as cartas, os jornais não tinha importância, mas a biblioteca teria que ter vindo para a Mário de Andrade. Ele foi uma pessoa que participou da criação da Biblioteca e que teve uma atuação importantíssima histórica cultural e política em São Paulo.

Eu acho que esses foram personagens que passaram pela Biblioteca, tiveram uma importância enorme e acabaram, por uma série de razões, caindo no esquecimento. E eles doaram muitos livros para a Biblioteca. Parte do primeiro acervo da Mário foi o Paulo Duarte, isso está nas memórias dele, que comprou; ele comprou a do Félix Pacheco no Rio de Janeiro, do Batista Pereira, casado com a filha do Rui Batista Pereira. Tomava todas, estava sempre muito endividado, mas tinha muitos amigos em São Paulo e arranjam um jeito de comprar todo o acervo dele, que era importante, inclusive cartas do Rui, não sei se ficaram aí, onde que foram parar. E veio tudo para a Mário, porque a Mário era uma espécie de biblioteca-museu. Tinha a parte de gravuras, litogravuras, filmes, que acabaram misturando, não é esse o papel da Mário, misturaram um pouco as bolas. E ela acabou sendo esse grande acervo, porque o MASP era na Rua Sete de Abril também, então o Sérgio Milliet, grande intelectual, acabou reunindo tudo. Mas essas pessoas tiveram um papel fundamental. Espero que no século XXI a Biblioteca renasça tendo este importantíssimo papel na cultura paulistana, paulista e brasileira.

**AEA:** Nós localizamos no arquivo da Biblioteca documentos de compras de livros da época do Rubens Borba de Morais, a seleção de obras raras.



**MAV:** Ele sempre se preocupou muito com essa questão das obras raras. Ele publicou guias, que é a grande contribuição dele nessa área. E indo viajar e comprando livros, não é? Eu lembro que o Paulo Duarte disse que comprava isso, comprava aquilo, essa vontade de estar no exterior, estar num sebo e ver um livro e o cara, então, vai e compra. O Paulo Duarte, eu me lembro, ele tinha o livro do Barrileus<sup>22</sup>, século XVII, sobre a invasão holandesa, estava só faltando uma fotografia no fim, só. Foi o Dom Duarte Leopoldo e Silva ou o Dom José Gaspar, um dos dois, que tinha o livro, mas era um cara muito chato, e emprestou o livro e ele roubou a foto que faltava para colocar no livro dele. Isso ele diz nas memórias, colocou a foto no livro dele. Ele dizia: “O cara é muito chato, vou dar um golpe, faltava uma imagem”. Porque esse é outro problema, as pessoas roubavam as imagens. Eu me lembrei agora do livro sobre o Conde d’ Eu, do Câmara Cascudo, que foi um brilhante cronista, amigo do Mário, ele cismou de fazer um livro de História, então ele fez um livro sobre o Conde d’ Eu, e tem um outro maior, escrito pelo Alberto Rangel, eu comprei num sebo, mas tem na Mário também. É bom dizer que o meu está completo, mas não porque eu roubei as imagens da Mário. E quando eu li o exemplar da Mário, faltavam as fotos. Quando eu olhei não tinha nenhuma, nenhuma fotografia, porque as fotos se encaixavam, sabe, tinha um cantinho, quatro cantinhos e as fotos se encaixavam, e eu querendo ver as fotos e não tinha nenhuma. Aí eu achei num sebo uma edição meio baleada, tanto que a lombada está estragada, mas tem as fotos do livro. Então as pessoas levavam as fotos, não tinha controle nenhum. Isso acontecia nos jornais, as pessoas iam com estiletes.

Inúmeras vezes... isso está parecendo conversa de doido, eu estou indo e voltando, mas eu me lembrei agora disso, as pessoas iam com estiletes e tiravam, aí acaba. Quantos jornais, olhando os anos cinquenta, sessenta, setenta, estão faltando. Aí me disseram que era uma pessoa, não vou falar qual, que ia na torre e ficou conhecido por ficar roubando coisas, é um historiador conhecido que ficava lá recortando. Aí você queria ler e não tinha. E muitas vezes você não queria ler aquilo, queria outra coisa, mas estava recortado e você acabava perdendo. Só uma outra observação: como é bom ter pesquisadores, quando tinha as cabines as pessoas

---

<sup>22</sup> Transcrição fonética do nome

começavam a se conhecer. Eu conheci o José Leonardo do Nascimento, que eu já citei duas vezes, nessas cabines. Ele estava refazendo a tese dele e estava lá na Mário, eu o conheci lá. Um outro colega que fez um trabalho muito bom sobre futebol dos anos sessenta e setenta, ele lia todos os jornais, de todos os dias e aí ia anotando tudo, descobria fatos incríveis; e eu sentava do outro lado, eu estava fazendo o livro da seca e ele me chamava: “Olha, vem ver uma coisa legal aqui” - e você ia, lia uma outra coisa.

Inclusive, como o jornal, é bom para mudar as versões escritas trinta anos depois. Eu gosto muito de futebol, era sobre a copa de 1970, então como o jogador que naquela época disse uma coisa e hoje diz outra. O Tostão diz que é um cara de esquerda, que não iria cumprimentar o Médici. Mentira, o sonho dele em 1970 era conhecer a Disneylândia. Então é uma construção *a posteriori*. Agora ele escreve na *Folha*: “eu fiquei pensando a noite inteira se cumprimentava ou não o Médici”. Eu lembro de outra: O João Saldanha, que era um grande sujeito, mas mentiroso, aquela pessoa que você nunca sabe o que era verdade e o que era mentira. Ele foi demitido da seleção e dizia que era porque ele era comunista, essa é a versão que ficou. Mentira, até porque ele não teria sido nomeado técnico. Ele foi demitido porque começou a fazer loucuras. E aí está no jornal. Ele foi demitido numa segunda-feira e na quarta-feira ele está numa audiência com o Jorge Passarinho, ministro da educação – porque na época a CBF<sup>23</sup> se chamava CBD, Confederação Brasileira de Desportos, que era vinculada ao CND<sup>24</sup> – e o João Saldanha foi pedir intervenção federal na CBD. Aí o Passarinho diz: “É, vamos pensar”. Isso está no jornal, o cara pedindo o que havia de mais reacionário, que era a intervenção federal. Então é legal que você vai consultando o jornal e você vai lembrando dessas histórias e como ele é uma fonte fundamental para o pesquisador. E aí o acervo é uma espécie de acerto de contas que a gente acaba fazendo com a história.

**AEA:** Professor, eu gostaria de continuar *ad infinitum*, mas eu não quero atrasar seu compromisso, então eu acho que nós podemos encerrar.

---

<sup>23</sup> Confederação Brasileira de Futebol

<sup>24</sup> Conselho Nacional de Desportos



**MAV:** Legal. Está bom?

**AEA:** Foi ótimo, obrigada.

